



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

ANTONIO HENRIQUE DA SILVA

BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL: um estudo sobre o uso de redes
sociais

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília
2021

ANTONIO HENRIQUE DA SILVA

BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL: um estudo sobre o uso de redes
sociais

Monografia apresentada como parte das
exigências para obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia pela
Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2021

S586b

Silva, Antonio Henrique da.

Bibliotecas das Forças Armadas do Brasil: um estudo sobre o uso de redes sociais / Antônio Henrique da Silva. – Brasília, 2021.

77 f.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia do Vale Caribé

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Biblioteca especializada. 2. Redes Sociais. I. Título.

CDU 026:355.1(81)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL: um estudo sobre o uso de redes sociais.

Autor(a): Antônio Henrique da Silva

Monografia apresentada remotamente em **08 de abril de 2021** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Michelli Pereira da Costa

Membro Externo (Local): Vivianne da Rocha Rodrigues

Em 05/05/2021.



Documento assinado eletronicamente por **VIVIANNE DA ROCHA RODRIGUES, Usuário Externo**, em 07/05/2021, às 07:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Henrique da Silva, Usuário Externo**, em 07/05/2021, às 09:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Michelli Pereira da Costa, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/05/2021, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 10/05/2021, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6636306** e o código CRC **2BA64C4A**.

Referência: Processo nº 23106.050370/2021-48

SEI nº 6636306

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celestial por este momento, pela oportunidade de ingressar em uma instituição de ensino superior pública, sonho guardado por vários anos e que tive a chance de realizar, e por colocar pessoas na minha vida que me ajudaram chegar até aqui.

Agradeço imensamente a participação incondicional da minha esposa Elaine, que desde o início dessa jornada me apoiou nos momentos de maior tribulação que passei, seus atributos de paciência, equilíbrio, resiliência, e principalmente seu exemplo, me trouxeram energia e fôlego para vencer esta etapa da vida.

Agradeço aos meus pais Rosilene e Antônio por terem dado o melhor de si na minha criação, que em muitas circunstâncias pensaram mais em mim e nos meus irmãos e irmãs, do que neles mesmos. Esta ocasião mostra que nada do que fizeram pela minha pessoa foi em vão. Aos meus irmãos Thayane, Viviane, Vitor, Vitória e Alex, tenho a alegria de tê-los como pessoas próximas com quem posso sempre contar.

Agradeço aos colegas bibliotecários, em especial ao Sebastião Dimas que tive a oportunidade de conhecer no Senado Federal, no serviço de gerência da RVBI, com grande conhecimento e paciência para transmiti-lo ao longo dos meses que tive a chance de estagiar naquele local, pelas conversas que iam além da Biblioteconomia, mas também para a vida. Aos colegas bibliotecários Alberto Nemoto e Jakeline Mendonça da Biblioteca da Confederação Nacional da Indústria (CNI), pelo dia a dia leve e pelos ensinamentos da profissão, aos estagiários que dividiram comigo expediente e aprendizado.

Ao meu filho Fabrício por muitas vezes mesmo sem entender, a sacrificar nosso tempo juntos para que pudesse estudar e realizar os trabalhos ao longo do curso e principalmente este estudo.

Agradeço a professora Rita Caribé por aceitar o desafio de me ajudar quando não enxergava mais janelas para esta etapa do curso, pelas várias matérias ministradas que tive a oportunidade de fazer, pela motivação nos momentos de esmorecimento e pelas dicas que fizeram deste trabalho uma realidade.

“Assim a própria experiência ensina, não menos claramente que a razão, que os homens se julgam livres apenas porque são conscientes de suas ações, mas desconhecem as causas pelas quais são determinados.” (SPINOZA, Baruch)

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo estudar o uso das redes sociais pelas bibliotecas das Forças Armadas brasileiras. Esta consiste em pesquisa qualitativa, descritiva que utilizou análise da literatura, documental e questionário junto às bibliotecas que integram as Forças Armadas. Percorreu momentos históricos da origem das bibliotecas no Brasil, desde sua fundação até a criação de bibliotecas especializadas, com destaque para as das Forças Armadas (F.A.) do Brasil, com a instituição de redes de cooperação entre bibliotecas — modelo contemporâneo — destacando as que atuam no segmento militar, quais sejam, Rede de Bibliotecas Integrantes do Ministério da Defesa (REBIMD), Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha (Rede BIM), Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE), Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica (Rede BIA). Caracterizar as bibliotecas das F.A. brasileiras em relação a implementação do uso de redes sociais em suas rotinas, identificar suas funções, atributos e estruturas nas quais se encontram inseridas, utilizando exemplos de outras bibliotecas que conseguem fazer o uso efetivo da ferramenta. Destacar as redes sociais, seu histórico e seu papel na sociedade conectada em rede, principalmente com o surgimento da Internet e da Web 2.0. Levantar e propor um debate amplo sobre mídias eletrônicas e a possibilidade de serem inseridas no cotidiano destas bibliotecas. A literatura corrente é carente sobre este tipo de biblioteca, com materiais de difícil acesso, muitas vezes restritos aos acervos das unidades de informação em Organização Militar (OM), ou após consulta por e-mail às bibliotecas. Foram utilizadas, também, informações coletadas a partir dos sites das respectivas redes de cooperação, levantamento de dados em entrevista estruturada e em questionário hospedado no *Google Forms*, sobre a percepção de profissionais bibliotecários acerca do tema rede social em biblioteca militar. Por meio da análise dos dados foi possível inferir que as bibliotecas da F.A. brasileiras não fazem uso de redes sociais e que o tema é pouco debatido no meio militar.

Palavras-chave: Bibliotecas especializadas. Forças Armadas. Brasil. Internet. Redes de cooperação. Web 2.0. Redes sociais.

ABSTRACT

This research intends to study the use of social networks by libraries of the Brazilian Armed Forces. This study consists in a qualitative and descriptive research that used analysis of literature, documentary and survey within the libraries that integrate the Armed Forces. It went through historical moments of the origin of libraries in Brazil, from its foundation to the creation of specialized libraries, highlighting those of the Armed Forces of Brazil, with the institution of cooperation networks between libraries - contemporary model - emphasizing those that operate in military segment like the Ministry of Defense Libraries Network (REBIMD), the Navy Libraries Network (BIM Network), the Army Libraries Network (BIE Network), the Aeronautics Libraries Network (BIA Network). Describe the Brazilian Armed Forces libraries focusing in the implementation of social networks in their routines, identify their functions, attributes and structures in which they are inserted, using examples from other libraries that are able to make effective use of the tool. Highlight social networks, their history, and their role in the society, especially with the emergence of the Internet and Web 2.0. Propose and create a comprehensive debate about electronic media and the possibility of being inserted in the routine of these libraries. Current literature is lacking on this kind of library, with publications hard to access, often restricted to the information units collection in Military Organizations, or after consulting the libraries by e-mail. Information collected from the websites of the libraries networks, data survey in structured interviews and in a questionnaire hosted on Google Forms about the perception of professional librarians about social networks in military libraries were also used. Through data analysis, it was possible to infer that the libraries of the Brazilian Armed Forces don't use social networks and that there is almost no discussion in the military sector.

Keywords: Specialized Libraries. Armed Forces. Brazil. Internet. Cooperation Networks. Web 2.0. Social networks.

.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bibliotecas integrantes da Rede BIM	40 – 41
Tabela 2 – Bibliotecas integrantes da Rede BIE	44 – 45
Tabela 3 – Bibliotecas integrantes da Rede BIA	47
Tabela 4 - Categorização de respostas da questão nº 13	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Academia da Força Aérea
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
COMAER	Comando da Aeronáutica
CCOMSEx	Centro de Comunicação Social do Exército
COMGEP	Comando Geral do Pessoal da Aeronáutica
DECEA	Departamento de Controle do Espaço Aéreo
DECEx	Departamento de educação e cultura do Exército
DPHDM	Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
DSI	Disseminação Seletiva de Informação
EB	Exército Brasileiro
EN	Escola naval
FAB	Força Aérea Brasileira
EMAER	Estado-Maior da Aeronáutica
EME	Estado-Maior do Exército
HTML	Linguagem de Marcação de HiperTexto
INCAER	Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MB	Marinha do Brasil
OM	Organização Militar
SDM	Serviço de Documentação da Marinha
REBIMD	Rede de Bibliotecas Integrantes do Ministério da Defesa
Rede BIA	Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica
Rede BIE	Rede de Bibliotecas Integradas do Exército
Rede BIM	Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha
F.A.	Forças Armadas
BIBLIEx	Biblioteca do Exército
SISDOC	Sistema de Documentação da Aeronáutica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	13
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
2.2.1	Objetivo geral.....	14
2.2.2	Objetivos específicos	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1	Conceitos básicos	15
3.1.1	Biblioteca especializada	15
3.1.2	Bibliotecas das forças armadas	18
3.2	HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS MILITARES NO BRASIL	20
3.2.1	Primórdios	20
3.2.2	Biblioteca da Academia Real de Guardas-Marinha	25
3.2.3	Academia Real Militar	30
3.2.4	Biblioteca da Força Aérea Brasileira	34
3.3	REDE DE BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS	36
3.3.1	Rede de Bibliotecas do Ministério da Defesa – REBIMD.....	37
3.3.2	Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha – Rede BIM	38
3.3.3	Rede de Bibliotecas Integradas do Exército – Rede BIE.....	41
3.3.4	Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica – Rede BIA.....	45
4	WEB 2.0.....	48
5	REDES SOCIAIS	49
5.1	Orkut	50
5.2	Facebook	50
5.3	Twitter	52
5.4	Instagram.....	53
6	USO DE REDES SOCIAIS POR BIBLIOTECAS	56
7	METODOLOGIA	59
8	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	62
9	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	69
	APÊNDICE	71
	REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas especializadas, possuem características próprias, por exemplo, vínculo a uma organização mantenedora, atendimento de necessidades informacionais de público específico, com isso carregam o estigma de um local de pouca circulação de pessoas e uma imagem de introspecção. Esse quadro se agrava quando sua organização mantenedora é uma organização militar.

No decorrer deste trabalho foram mostradas mudanças em relação a atividade biblioteconômica no Brasil, desde a instituição das primeiras bibliotecas com os padres Jesuítas, o encerramento de suas atividades, a vinda da Coroa Portuguesa, a criação das escolas militares com a efetiva participação de bibliotecas, até o advento da internet e a inserção das bibliotecas nesse meio.

A internet através da Web 2.0 trouxe consigo a missão de permitir uma aproximação dos produtores de conteúdo e os seus consumidores, autorizando intervenções não antes possíveis. Nessa esteira as redes sociais surgem como esse elo que permite a comunicação direta entre esses entes.

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo investigar a participação das bibliotecas das três forças armadas do Brasil, que são: Marinha do Brasil (MB), Exército Brasileiro (EB) e Força Aérea Brasileira (FAB), em redes sociais e como isso interfere no dia a dia da biblioteca, seja na forma como se comunica com seu usuário, quais os resultados encontrados após tal iniciativa, ou se elas não demonstram nenhum interesse na atividade.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A força motriz que leva a este trabalho passa pela escassez sobre o assunto bibliotecas militares, tema restrito ao círculo castrense (militar) e pouco discutido na sociedade civil.

As bibliotecas das forças armadas têm como objetivos “contribuir para o desenvolvimento tecnológico e científico, bem como para a capacitação profissional na área de Defesa Nacional e contribuir para a formação da mentalidade de defesa na sociedade brasileira.” (SIQUEIRA, 2019, p. 33). Além disso, por se tratar de organizações centenárias a preservação da memória institucional é também um dos trabalhos desenvolvidos nas bibliotecas de natureza militar. Cada uma das bibliotecas que integra as forças armadas desenvolve atividades de organização e disseminação da informação conforme sua necessidade e conveniência, levando até seu usuário um conteúdo pertinente, coletado e tratado a fim de atender a demanda acerca de temas voltados à matéria de defesa nacional, fazendo-se necessário utilizar de suporte compatível ao seu tempo, por exemplo, no passado o papiro e o pergaminho, nos nossos dias o papel e o documento eletrônico.

Buscando essa atualização as bibliotecas, em particular as especializadas, passaram a trabalhar digitalmente, cooperando umas com as outras, formando redes de bibliotecas, que por sua vez, trocam informações entre si, otimizando recursos (financeiros, de tempo e pessoal) criando assim um intercâmbio de troca de conteúdo, evidenciando e maximizando a importância da biblioteca para a instituição mantenedora.

Com o advento da Web 2.0 em que além de observar o conteúdo das páginas de internet, o usuário pode também editar, comentar e dar sua opinião, os debates sobre determinado assunto passaram a ter como palco as redes sociais, instrumento que ganhou e ganha cada vez mais espaço no dia a dia das pessoas seja para fins profissionais, didáticos, recreativos.

Por ser instantâneo o conteúdo gerado por meio das mídias sociais, estas são utilizadas por muitas pessoas como recurso para se manterem atualizadas e conectadas ao que acontece praticamente em tempo real.

A rede social como ferramenta pode ser muito útil para divulgação, tanto das bibliotecas quanto do trabalho desenvolvido, pois o usuário tem a facilidade da internet para ter acesso a serviços como catálogo, Disseminação Seletiva de Informação (DSI), Biblioteca Digital, recursos que muitas pessoas desconhecem e que estão restritos somente ao encontro

presencial. Por estarem conectadas em redes de cooperação as bibliotecas das forças armadas podem, também, seguir esse movimento e oferecer e ouvir o que o seu usuário deseja de forma célere e dinâmica respeitando a legislação de acesso à informação.

Diante do exposto pergunta-se: Como as bibliotecas das F.A. brasileiras estão utilizando as redes sociais?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo geral

Analisar o uso de redes sociais pelas bibliotecas das F.A. brasileiras.

2.2.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar as bibliotecas de cada F.A.
- b) Identificar as bibliotecas que integram as redes de bibliotecas das F.A.
- c) Identificar e caracterizar o uso de redes sociais como meio de comunicação e promoção da informação pelas bibliotecas militares

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Conceitos básicos

Para facilitar o entendimento do assunto, foram coletados, na literatura, conceitos básicos relativos aos temas em geral ou específicos e conforme redação da Carta Magna de 1988 (BRASIL, 1988, p. 142): “As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares [...]”. A redação deste trabalho seguirá essa ordem em relação a cada F.A. e sua respectiva biblioteca ou rede de biblioteca.

3.1.1 Biblioteca especializada

As bibliotecas especializadas, na forma que são conhecidas atualmente, começaram a desenvolver-se no início do século XX, em decorrência da marcha acelerada do progresso científico e tecnológico.

Estas bibliotecas são de mais fácil identificação a partir das instituições e públicos que atendem e curadoria de determinados assuntos, ou seja, têm uma abrangência temática específica, as bibliotecas existentes na Marinha, Exército e Aeronáutica são consideradas, pelas suas características, dentro da tipologia das bibliotecas especializadas. Existem outros tipos de bibliotecas que se destacam nos seus segmentos, por exemplo, as universitárias, as escolares todas elas inclusive se distinguem em virtude do seu público-alvo, de acordo com Caribé (2017, p. 192):

[...] pela clientela a que servem e pela natureza da coleção. A primeira característica é a que predomina, pois em consequência do tipo de clientela define-se a coleção, os recursos informacionais e sua organização, a tecnologia de informação e comunicação a ser utilizada e, conseqüentemente, os serviços e produtos oferecidos. Assim, há bibliotecas acadêmicas e universitárias, escolares, públicas, de órgãos públicos, de empresas, bem como aquelas que estão direcionadas a um grupo social específico. Todas com suas similitudes e especificidades decorrentes de sua clientela particularizada.

O desenvolvimento científico e tecnológico serviu de propulsão para o que se conhece hoje como bibliotecas especializadas, que se deu no início do século XX, isto se deve ao fato de as organizações necessitarem de conhecimento prático e específico para atender as suas demandas internas, em que pudesse haver a participação de uma biblioteca, afirmou Figueiredo (1978, p. 155). De acordo com Caribé (2017, p. 193), as mudanças de paradigma

ocorreram nas bibliotecas para atender à demanda por informações, revisitando os serviços oferecidos e buscando atender às novas exigências dos usuários. Desta forma, passaram a disseminar, não somente os documentos, mas também as informações neles contidas. Com isso a partir da crescente procura, foi necessária a expansão dos serviços, não somente reunindo e disponibilizando acesso aos recursos informacionais, mas a partir deles desenvolvendo e disseminando a informação, conseqüentemente produzindo conhecimento.

As bibliotecas especializadas são frágeis em relação a pressões econômicas, pois são as primeiras a serem atingidas quando há um declínio na economia. Essa percepção é evidente na queda acentuada em relação ao crescimento desse tipo de biblioteca, em virtude de redução orçamentária nos setores público e privado. Conforme Figueiredo (1978, p. 156), as bibliotecas nascem e morrem não só em decorrência da economia, mas ainda de pressões políticas e ideológicas, cortes orçamentários, fato também observado em estudo recente realizado por (MARCIAL *et al.*, 2020) a respeito do encerramento de atividades de diversas bibliotecas dos três poderes da União (Executivo, Legislativo e Judiciário).

Por estarem inseridas em organizações, muitas vezes com objetivos delimitados, as bibliotecas especializadas possuem sua abrangência temática voltada ao que é norteado pela organização. Segundo Figueiredo (1978, p. 156), os profissionais deste tipo de biblioteca possuem vínculo com a organização, por conseguinte, com a própria biblioteca.

Pode-se verificar alguns exemplos de bibliotecas especializadas não somente pela instituição ou público que atendem, mas também pelo tipo documental ou material que se detém. Talvez essa evidência seja mais factível de se enxergar para o público em geral, de acordo com Caribé (2017, p. 194):

É considerada, também, biblioteca especializada aquela que trata exclusivamente de um tipo de documento ou uma espécie particular de material, como uma biblioteca especializada em filmes (Shell Film Unit, disponível no sítio www.shell.com), em patentes ou na obra de Shakespeare (Shakespeare Memorial Room da Library of Birmingham na Inglaterra), em manuscritos, na área de energia elétrica etc. (ASHWORTH, 1967; FIGUEIREDO, 1978; HENKLE, 1952; WRIGHT, 1981 *apud* CARIBÉ, 2017, p. 194).

Importante enfatizar que, além da matéria e vinculação mencionados acima, há também a especificação dos serviços mais recorrentes no âmbito de uma biblioteca especializada que são: “adquirir, organizar, manter, utilizar e disseminar os materiais informativos afins às atividades da organização”, segundo Figueiredo (1978, p. 157).

Para que a biblioteca especializada seja assim denominada é necessário o cumprimento de alguns requisitos, até porque de alguma forma ela precisa se distinguir de outros tipos de bibliotecas, neste sentido explica Figueiredo (1978, p. 158) que as bibliotecas devem oferecer “serviço especializado e personalizado” aos colaboradores da organização; deve possuir um acervo o mais atualizado possível; sua coleção não está direcionada ou aberta ao público externo, a sociedade em geral; como seu acervo é especializado, precisa contar com o apoio de outras bibliotecas, com as quais deve estabelecer intercâmbio de informações.

Quanto à atualização do acervo tem-se maior aproveitamento do conteúdo gerado a partir de outras ferramentas que não livros, tais como, relatórios, periódicos, folhetos, sendo fundamentais para a criação da informação que a organização a qual a biblioteca é vinculada, necessita. Sobre esse aspecto Figueiredo (1978, p. 158) traz a seguinte contribuição:

A biblioteca especializada usa grupos diversificados de materiais, diz Woods, sendo o periódico importante no campo da ciência e tecnologia, enquanto no mundo dos negócios e das finanças se torna vital a informação estatística; recortes, panfletos de opinião, folhetos informativos, relatórios anuais de empresas; informação gerada internamente, como seja: correspondência geral e técnica, anotações de laboratório, relatórios de projetos e os relatórios técnicos. Resumindo, em bibliotecas especializadas, o número de metros ocupados por arquivos verticais é uma medida de acervo muito mais significativa que o número de livros.

Para organização do material acima mencionado há necessidade de conhecimento técnico por parte dos profissionais envolvidos no dia a dia de uma biblioteca especializada, pois são esses profissionais que realizarão o tratamento adequado para a formação do acervo, após a criação se possível, de uma política de desenvolvimento de coleção, selecionando o que é pertinente ou não para a biblioteca.

Ao contrário do que ocorre em outras bibliotecas o profissional de uma biblioteca especializada precisou se reinventar em relação ao atendimento ao usuário, prestando não somente o essencial, mas foi necessário ir além do que era ofertado, atuando na integralidade dos serviços de busca da informação para o usuário, com isso otimizando o tempo do interessado e criando novas oportunidades para atender as demandas do público-alvo (CARIBÉ, 2017, p. 193).

Os bibliotecários foram assumindo a responsabilidade pela assistência ao usuário a obter a informação que necessitava, principalmente àquele que não consegue encontrá-la sozinho, assessorando para poupar o tempo de pesquisadores e gerentes de organizações ou, ainda, conduzindo projetos de pesquisa específicos. A gama de

serviços prestados expandiu, extrapolando àqueles tradicionais prestados pelas bibliotecas, que passaram a oferecer serviços e produtos tais como: provimento de informação em resposta a questões apresentadas pelos usuários e não apenas material bibliográfico; realização de pesquisas bibliográficas exaustivas; preparação de bibliografias; divulgação de informações atualizadas sobre temas de interesse da instituição ou de grupos específicos de usuários; serviços auxiliares como empréstimo entre bibliotecas; serviços de resumo; publicação; tradução e fornecimento de cópias. (CARIBÉ, 2017, p. 193)

De certo este é o trecho mais relevante em relação à biblioteca especializada, pois se trata da principal missão de uma biblioteca desse tipo. O planejamento adequado embasado em relatórios gerados pelas bibliotecas, para fornecer o suporte para a tomada de decisão das organizações, contribuindo para a solução dos problemas que aparecem no dia a dia, de acordo com Caribé (2017, p. 193):

[...] o papel da biblioteca especializada como aquela que veicula informação relevante para o planejamento, a tomada de decisão e a solução de problemas. Observa-se o papel da biblioteca como unidade para apoiar a organização à qual pertence fornecendo o suporte informacional para suas decisões.

O termo que melhor define a finalidade de uma biblioteca especializada é dar o suporte para decisão, toda biblioteca especializada nasce sob este princípio, no qual se baseará toda e qualquer ação enquanto esta biblioteca existir.

3.1.2 Bibliotecas das forças armadas

Concernente a missão constitucional das Forças Armadas (Marinha, Exército, Aeronáutica), no artigo 142 da Constituição Federal de 1988: “[...] destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.” (BRASIL, 1988). Pinto e Correa (2007) trazem o exemplo da Biblioteca do Exército da França, mas que em muitos aspectos se assemelha ao cenário brasileiro. Examinaram as autoras a necessidade de atuação articulada, a existência de cooperação no nível das várias unidades que constituem cada ramo, nas quais se incluem as **bibliotecas militares** (termo não encontrado na literatura acadêmica brasileira).

Pinto e Correa (2007) citam que “por regra as bibliotecas militares encontram-se confinadas às respectivas unidades”, nesse sentido de fato cada F.A mantém, na sua estrutura organizacional, unidades que coletam, tratam e disseminam a informação. Pinto e Correa (2007) afirmam que olhando para a estrutura de um sistema militar, as Organizações Militares

(OM), possuem características próprias de seu gênero, influenciando o funcionamento de suas bibliotecas. Compete a elas, se adequarem ao subsistema em que estão inseridas suprimindo as necessidades informacionais de cada ramo das forças armadas. No Brasil, segundo Siqueira (2019, p. 12) as bibliotecas têm como público-alvo em grande parte militares, que, por sua vez, fazem uso das informações prestadas pelas bibliotecas para o desempenho de suas atividades, além de pesquisadores e acadêmicos que buscam conteúdos referentes aos assuntos militares e de defesa nacional.

Em seu artigo, Finamor (2018) traz o perfil dos profissionais bibliotecários brasileiros:

Entenda-se que os bibliotecários (as) militares possuem um perfil desconhecido e diferenciado. Além do mais, suas atividades, tanto do âmbito da Biblioteconomia como na própria Força, ainda parecem ser segredo para muitos na sociedade civil. Uma vez que, além de serem bibliotecários, são militares e podem exercer diferentes funções e atividades além das quais exercem como profissionais bibliotecários. (FINAMOR, 2018, p. 118).

A definição da atividade do profissional bibliotecário militar se confunde com a da própria biblioteca, a literatura corrente cita a questão dos meandros que cercam as F.A e suas respectivas atividades, exigindo do profissional bibliotecário participação distinta nas funções correntes.

Finamor (2018) percebe, em seu estudo, maior participação feminina ante a masculina nas bibliotecas. Verifica, também, que muitos bibliotecários encontram dificuldades para o desempenho da atividade biblioteconômica no meio castrense, a isso atribui “por serem militares estão sujeitos a variados tipos de atividades não relacionadas à Biblioteconomia. As prioridades e atividades na respectiva OM estão vinculadas ao militarismo e não à prática do bibliotecário em sua Unidade de Informação ou Biblioteca.” (FINAMOR, 2018, p. 128).

Continua Finamor (2018):

Outros fatores estão na necessidade do gerenciamento da biblioteca ou centro de informação na custódia de um profissional não formado na área. Outras questões dos inqueridos foram sobre a dificuldade de conseguir recursos financeiros, autonomia do bibliotecário, dificuldades de contratar auxiliares técnicos (habilitados técnicos em Biblioteconomia) para assessorar o bibliotecário. E que por vezes a “hierarquia pode fazer o andamento dos processos [ser] mais lento” e “muitas vezes os superiores não querem soluções técnicas”. (FINAMOR, 2018, p. 128).

De certo, os desafios enfrentados pelos bibliotecários militares são enormes, em organizações altamente hierarquizadas, conseguir ter um bom trânsito e a resolução de problemas é com certeza, algo que estes profissionais precisam vencer todos os dias.

O autor prossegue levantando outros fatores: necessidade de “convencer sobre a organização da informação [que] é diferente da concebida pelos não técnicos e explicar que Biblioteconomia é diferente de Arquivologia”. Tal como, a gerência da biblioteca ou centro de informação na custódia de um profissional não formado na área. (FINAMOR, 2018, p. 128). De fato, essas duas questões levantadas pelo autor podem ser impeditivas para uma boa prestação de serviço.

As atividades mais recorrentes em que estes profissionais participam está o subsídio ao apoio a tomada de decisão de seus chefes, eventos da OM; ao desenvolvimento de coleções e bibliografias para os instrutores; nas normas da unidade; em informação estratégica em pesquisas, na legislação e tramitação de documentos e no apoio ao apresentar argumentos para tomada de decisões. (FINAMOR, 2018, p. 129).

De acordo com Siqueira (2019, p. 12), “as bibliotecas das forças armadas servem como apoio às pesquisas e inovações na Ciência e Tecnologia das Instituições Militares de Ensino e das Organizações Militares”. Por esse motivo, elas possuem certo papel de destaque.

3.2 HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS MILITARES NO BRASIL

3.2.1 Primórdios

De acordo com Santos (2010, p. 51), pode-se resumir a história das bibliotecas no Brasil até o século XIX, em três etapas sucessivas. Iniciando-se com as bibliotecas dos Conventos e Particulares (em que nos três primeiros séculos de colonização o país contava com bibliotecas dos mosteiros, conventos e de colégios religiosos bem como de bibliotecas particulares), passando pela fundação da Biblioteca Nacional (BN) e chega-se até a criação da Biblioteca Pública da Bahia. Observa-se que bibliotecas de instituições militares aparecem ao longo dessa história.

Segundo Moraes (2006, p. 4), é na primeira capital do Brasil, Salvador, em meados de 1549, que o país passou a ter conhecimento de livros, trazidos em decorrência da montagem da estrutura estatal nas áreas administrativa, econômica, política, militar, espiritual e social. Tal fato demonstra a precariedade em que o Brasil se encontrava em termos de educação e cultura naquela primeira metade do século XVI, reverberando na ausência de bibliotecas, conforme segue:

Só vamos conhecer instrução e possuir livros a partir da segunda metade do século, desde que se instala em 1549 o governo geral em Salvador, na Bahia. Essa data marca, de fato, o começo da vida administrativa, econômica, política, militar, espiritual e social do Brasil. (MORAES, 2006, p. 4).

Vale ressaltar que os Jesuítas necessitavam de acervo bibliográfico para as funções que desempenhavam, sobretudo, nos seus seminários e colégios, nos quais alfabetizavam as pessoas. Nos anos em que se seguiram eles conseguiram formar coleções que auxiliavam até cursos considerados superiores como o curso de Filosofia, que não perderiam em acervo e qualidade para Coimbra, em Portugal. Segundo Silva (2008, p. 220), o termo mais utilizado à época era livraria para referir-se à biblioteca, pois era o mais corrente na época.

A participação dos Padres Jesuítas nas bibliotecas era bem ativa, de forma a realizar tratamento técnico dos livros mediante catalogação, como o exemplo do Padre Antônio Vieira que fez o primeiro catálogo de biblioteca em terras brasileiras, fugindo da ideia de um simples local para guarda de livros, revelando a preocupação com a facilitação do trabalho nos colégios e seminários, o que se pode depreender do trecho abaixo, mencionado por Moraes (2006, p. 8):

O padre Serafim Leite diz que “sempre teve bons bibliotecários. Um deles, o próprio P. Antônio Vieira”. O bibliotecário irmão Antônio da Costa (professor em Salvador, já em 1677, aos 33 anos, falecera em 1722) é o mais notável, pois catalogou todos os livros por autor e matéria. É esse o primeiro catálogo verdadeiro de biblioteca brasileira e seu organizador [...].

Os padres tinham como missão precípua o exercício do sacerdócio, contudo, se dedicavam também a atividades de cunho educacional e cultural que eram abertas ao público. De acordo com Moraes (2006, p. 9), as “bibliotecas dos Jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente”. Observa-se, neste caso, que a biblioteca estava voltada ao atendimento de público externo à instituição de ensino, ou seja, desempenhava, também, um papel rudimentar de biblioteca pública.

Esta dedicação fez com que construíssem igrejas, colégios e residências, seminários e instalassem as missões que permitiram que todo o trabalho religioso fosse realizado, conforme indicado por Silva (2008, p. 221):

Além de se ocupar com a assistência religiosa aos colonos e com a catequese dos índios, os padres se dedicaram de modo especial à educação e ensino de crianças e jovens nas chamadas aulas de ler, escrever e contar. [...] Destacavam-se os colégios, 19 em meados do século XVIII, que funcionavam como verdadeiros centros culturais da época, com atividades literárias, musicais e teatrais.

O desenvolvimento de bibliotecas não ficava restrito aos Jesuítas, outras ordens religiosas como os beneditinos, franciscanos, carmelitas também desempenharam um papel de destaque na formação de bibliotecas.

Os jovens tinham como centros culturais as bibliotecas dos conventos. Em São Paulo se destacam as dos conventos de São Bento e São Francisco, isso até a metade do século XVIII. Esse fato evidencia, mais uma vez, que estas bibliotecas, além de centros de estudo, eram locais de interação social, fazendo-se assim a ideia de biblioteca pública, conforme demonstra Santos (2010, p. 53):

De forma geral, o Brasil colônia concentrava os livros nos Conventos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus. No fim do século XVI, os Jesuítas instalaram uma biblioteca em Salvador. Outras ordens religiosas - beneditinos, franciscanos, carmelitas - tinham bibliotecas em seus conventos. Os franciscanos, por exemplo, reformularam em 1776, os seus estudos e adotaram a filosofia da Ilustração (ou Iluminismo). Até metade do século XVIII, as bibliotecas dos Conventos foram centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros. São Paulo teve até esse momento duas boas bibliotecas conventuais: a de São Bento e a de São Francisco.

A medida imposta por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, de proibir nas colônias portuguesas a tipografia em tipos móveis, juntamente com a censura por parte da Inquisição, afetou de forma significativa a produção de livros. Cabe relatar que essa tipografia nada mais era do que pequenas letras confeccionadas em metal que colocadas e retiradas em uma forma pressionada contra o papel finalizada em uma impressão. Nos dois primeiros séculos do descobrimento do Brasil não havia muito conhecimento sobre as bibliotecas particulares, adquirindo maior visibilidade no século XVIII, segundo mencionado por Santos (2010, p. 52).

Tal decisão não ficou restrita somente às colônias portuguesas ocidentais, sendo imposta também na Índia portuguesa, além da expulsão dos Jesuítas, de maneira permanente, desses locais. O povo de Goa voltou ao restabelecimento da tipografia somente no século XIX. Hallewell (2005, p. 85) cita que no Brasil, o prejuízo foi imenso para as bibliotecas com a expulsão dos jesuítas, pois foram destruídas as bibliotecas em Salvador, Rio de Janeiro, Maranhão e Pará. Hallewell (2005, p. 96), conclui que a sociedade não detinha mais os locais onde eram realizados os eventos culturais, causando retrocesso no desenvolvimento cultural, acerca da perda sofrida na educação superior.

Se verifica que o Brasil sofreu efeitos irreparáveis tanto com a suspensão da produção de livros quanto com a expulsão dos Jesuítas, como consequência é possível mencionar o retorno aos patamares iniciais no índice de analfabetismo. Conforme menciona Hallewell

(2005, p. 97) a educação superior foi afetada sobremaneira, pois com a expulsão dos Jesuítas perderam-se os cursos superiores no Brasil fato que fica evidente quando se constata que, entre 1775 até a Independência que ocorreu em 1822, somente 720 brasileiros se formaram na Universidade de Coimbra, ao passo que no México, por exemplo, formou-se dez vezes mais bacharéis, sem mencionar os doutores.

Assim como as bibliotecas nascem e morrem por razões às vezes inexplicáveis, a história das bibliotecas dos Jesuítas teve um final conforme noutros momentos da história, seja Alexandria, sejam as bibliotecas e museus no período nazista. As bibliotecas faziam parte dos bens dos Jesuítas que foram arruinados após sua expulsão. Consequentemente, além de Pombal o tempo se encarregou de destruir os livros que foram colocados em locais inadequados e na metade do século XIX pouco se achava nos conventos, de acordo com Santos (2010, p. 53). Depreende-se, portanto, que o prejuízo decorrente da destruição do acervo dos Jesuítas pelos esforços e inércia, respectivamente, da Coroa portuguesa, atingiram de maneira irreversível tal coleção o que reverbera nos tempos atuais.

Assim como em 1549, quando a estrutura estatal foi montada no Brasil, trazendo os primeiros livros para auxiliar nesta finalidade, em 1808, com a forte pressão exercida por Napoleão Bonaparte, a corte teve como destino uma de suas colônias. Atracava no Rio de Janeiro a Corte portuguesa, trazendo um novo modelo de gestão para a colônia brasileira e, posteriormente, a Biblioteca Real, junto com a Corte Portuguesa veio a Academia Real de Guardas-Marinha que será tratado mais adiante. “A Biblioteca Real, não foi trasladada junto com a comitiva real, em novembro de 1807; foram deixados para trás vários caixotes de livros, de documentos, gravuras e outras preciosidades” (MORAES, 1979 apud SANTOS, 2010, p. 54), pois de uma hora para outra a colônia seria transformada em capital da monarquia portuguesa, conforme relatado por Moraes (2006, p. 90):

A transferência da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro veio, como era natural transformar radicalmente a situação do livro e das bibliotecas no Brasil. As novas condições políticas, econômicas e sociais revolucionaram a colônia, o Rio passou, de repente, a ser a capital da monarquia.

Importante frisar que a Biblioteca Real era a segunda e foi chamada da Ajuda, formada por meio de compras e doações, a primeira havia sido destruída no terremoto de Lisboa, em 1755. Por meio de alvará emitido por D. Maria I, ficou estabelecido que pelo menos um exemplar de papel impresso feito nas oficinas tipográficas do reino deveria ter como destino a Real Biblioteca. Essa biblioteca foi inaugurada no Brasil no ano de 1811, seu

acervo estava disponível para estudiosos, e posteriormente, em 1814 passou a ser aberta ao público, conforme também mencionado por Moraes (2006, p. 93):

A Biblioteca Real, que o príncipe regente D. João trouxe para o Rio de Janeiro, era a segunda que formava a casa real. A primeira foi destruída no terremoto de Lisboa em 1755. D. José organizou outra, chamada da Ajuda, valendo-se de compras e doações. D. Maria I, por alvará de 12 de setembro de 1805, ordenou que, de todos os papéis impressos nas oficinas tipográficas do reino, um exemplar fosse remetido à Real Biblioteca. O fato é que essa preciosa biblioteca logo que chegou ao Rio de Janeiro instalou-se no hospital da Ordem Terceira do Carmo. Foi inaugurada em 1811, no dia 13 de maio, aniversário do príncipe regente. A consulta era facultada aos estudiosos mediante pedido. Em 1814, abriu-se ao público.

Cabe destacar que de acordo com Prates (2010, p. 66) foi o Infante Almirante Dom Pedro Carlos que ordenou, em 1810, a abertura da Biblioteca da Academia Real de Guardas-Marinha, pois não havia biblioteca pública à época e esta iniciativa contribuiu na origem da Biblioteca Nacional.

É na Real Biblioteca onde foi confeccionado o primeiro regulamento de biblioteca que se tem notícia no Brasil. Nele constam as regras para o funcionamento da instituição. O ideal é que toda biblioteca possua um regulamento para o seu funcionamento, assim delimita-se o público a que se destina, o tipo de obra a ser adquirida, entre outras informações que são relevantes para sua manutenção. A respeito deste tema leciona Moraes (2006, p. 94):

Em 1821, D. João VI deu um regulamento à Real Biblioteca e mandou imprimi-lo suntuosamente, em formato in-fólio, na Régia Tipografia. É o primeiro regulamento de biblioteca que se imprimiu no Brasil. Reflete nos seus 32 artigos. Ali estão bem especificadas todas as atribuições de cada um dos funcionários. Tudo está dito até o óbvio, tratando das funções do servente, o parágrafo 14 diz: “[...] será sua obrigação abrir e fechar todas as portas e janelas da biblioteca de manhã e à noite, às horas assinadas [...]” esses estatutos da Real Biblioteca merecem ser transcritos, não somente pela raridade do impresso mas também porque dão uma ideia de como funcionavam. [...] os estatutos de 1821 parecem tremendamente com os regulamentos de hoje.

É neste momento que fica evidente a dissociação que deve existir entre a formação do acervo da Biblioteca Nacional e das outras bibliotecas em atividade na época, principalmente as voltadas ao ensino técnico, militar e médico que desenvolveram seus próprios acervos e atendiam públicos específicos. “O que vem primeiro, quando o Príncipe Regente D. João VI precisa aparelhar a Colônia, onde se instalava, são as escolas que prepararão profissionais destinados à defesa sanitária e militar da nova metrópole” (PEREGRINO, [1995?], p. 15). Em especial foi necessária a criação de escolas voltadas para a formação bélica, por conseguinte,

bibliotecas que atendessem tal público, a exemplo da instalação da Real Academia Militar, conforme citado por Moraes (2006, p. 95):

No Rio de Janeiro, nos tempos de D. João, não existiam somente a Biblioteca Real e as dos conventos de São Bento, São Francisco e outras ordens religiosas. A divulgação da cultura não estava presa unicamente às livrarias dessas instituições. Funcionavam na cidade diversos institutos de estudos superiores criados pelo governo tais como a Real Academia Militar, o Laboratório Químico-prático, a Academia Médico-Cirúrgica, o Arquivo Militar, a Academia Real dos Guardas-Marinha. As finalidades destas instituições exigiam a formação de bibliotecas. O fato não escapou ao legislador. A carta de lei de 4 de dezembro de 1810, criando a Real Academia Militar e dando-lhes estatutos estabeleceu que: “logo que possa formar-se uma biblioteca científica e militar para esta academia, haverá um lente de história militar, que servirá de bibliotecário [...]”. A abertura da biblioteca dos guardas-marinha mereceu publicidade. O governo mandou imprimir numa folha de papel um anúncio informando o fato.

O trecho acima ratifica a necessidade da criação de bibliotecas especializadas, que atenderiam suas organizações mantenedoras, das quais, a Coroa Portuguesa necessitava para instituir um mínimo de estrutura para a manutenção da cidade do Rio de Janeiro.

3.2.2 Biblioteca da Academia Real de Guardas-Marinha

Em 1796, por meio da lei de primeiro de abril, foi criado e aprovado o regulamento para a Academia Real dos Guardas-Marinha, conforme ilustrado na figura 1, o que também poderá ser verificado nos aspectos históricos que envolvem a Corte Portuguesa.

Figura 1 – Lei de 1º de abril de 1796 – Regulamento da Academia Real dos Guardas-Marinha.

DONA MARIA por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar, em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, &c. Faço saber a todos os que esta Minha Carta virem, que tomando em Consideração o muito que importa ao Meu Real Serviço, e ao bem público dos Meus Reinos, a conservação, e augmento dos Estabelecimentos, que concorrem para a mutua felicidade dos Meus Vassallos, para a segurança do Commercio, e para o esplendor da Minha Real Armada: E tendo-Me representado o Meu Conselho do Almirantado em Consulta, que fez subir á Minha Real Presença, o desejo, que tem de dar-Me continuadas provas do seu zelo pelo Meu Real Serviço, e muito principalmente na parte, em que a Authoridade, que Eu lhe confiei, já não depende das outras deliberações, que espera sobre muitos, e muito importantes assumptos, pelos quaes insta o mesmo zelo, com que o referido Tribunal espera desempenhar tão alta confiança: Me apresentou hum Novo Plano de Estatutos para os Estudos da Minha Real Academia dos Guardas Marinhas, o qual tendo sido meditado sobre observações, que desde a sua fundação até agora o tempo tem feito evidentes, e que só a experiencia costuma de ordinario mostrar em todas as Instituições primitivas na prática dos seus preceitos: Hei por bem dar a Minha Real Approvação aos referidos Estatutos, para o melhoramento da Academia dos Guardas Marinhas, segundo a sua fórma, e theor, Ordenando que se executem em todas as suas partes, e segundo o espirito delles na fórma seguinte.

Fonte: Fontes Históricas de Direito português. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160304185127/http://www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt/verlivro.php?id_parte=110&id_obra=73&pagina=446. Acesso em: 15 abr. 2020.

Torna-se necessário o entendimento deste período que é bastante relevante para os estudos que se seguem, pois, a ação de Napoleão de bloquear o acesso pelos portugueses aos portos ingleses e irlandeses determinaram a vinda da acuada Corte para o Brasil. Juntamente com a Corte Portuguesa veio a Academia Real de Guardas-Marinha, instituição responsável pela formação dos jovens que futuramente formariam o Almirantado da Marinha portuguesa e brasileira. Sua criação regulamentada por meio da Lei de 1º de abril de 1796, como apresentada na figura 1, sendo a única instituição de ensino a vir para o Brasil junto com a Corte. Ainda em 1808, teve seu primeiro ano letivo, conforme mencionado por Prates (2010, p. 66):

A Academia continuou funcionando e formando oficiais em Portugal até os primeiros anos do século XIX, quando ocorre o Bloqueio Continental. O Bloqueio foi a proibição imposta por Napoleão Bonaparte com a emanção, em 21 de novembro de 1806, do decreto de Berlim, que consistia em impedir o acesso a portos dos países submetidos ao domínio do império francês a navios do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda.

Com a Corte Portuguesa, transferiu-se também para o Brasil a Academia Real de Guarda-Marinha. Nenhuma outra instituição de ensino mudou-se para o Brasil. A Universidade ficou em Coimbra, a Aula de Comércio e as Academias Reais de Marinha quedaram-se no Porto e em Lisboa. Porém, a Academia Real de Guardas-Marinha cruzou o Atlântico a bordo da Nau *Conde Dom Henrique* e, em 18 de janeiro de 1808, chegou à Baía de Guanabara. Em maio do mesmo ano, a Academia instalou-se no Mosteiro de São Bento, que foi sua primeira sede. A Academia Real de

Guardas-Marinha inaugurou, no Brasil, os estudos superiores, tendo o seu primeiro ano letivo em 1808.

A cidade do Rio de Janeiro tinha como biblioteca pública a dos Guardas-Marinha, segundo Prates (2010, p. 66).

Em 1810, o Infante Almirante Dom Pedro Carlos mandou abrir ao público a Biblioteca da Academia Real de Guardas-Marinha, pois não havia, na Corte, Biblioteca Pública. Esta iniciativa daria origem à Biblioteca Nacional.

Ao longo do tempo, a Academia Real de Guardas-Marinha passou por alguns lugares e designações. Instalada no Mosteiro de São de Bento em 1808 ficou até 1832, quando em 1833 unificou-se à Academia Real, escola pertencente ao Exército, fato que durou até o ano seguinte. Após estes acontecimentos foi deslocada para a Baía de Guanabara permanecendo aí por 10 anos.

A Academia Real de Guardas-Marinha funcionou no Mosteiro de São Bento de 1808 até 1832. Neste ano fundiu-se à Academia Militar, criada em 1810, para formar oficiais do Exército. Com esta união, passou a funcionar no Largo de São Francisco, com o nome de Academia Militar e de Marinha. Essa experiência durou até o ano seguinte, em 1833, quando a Academia retornou ao Mosteiro de São Bento.

Em 1839, a Academia Real de Guardas-Marinha já era comumente chamada de Academia de Marinha. A partir deste ano passou a ter como sede a nau *Dom Pedro II*, fundeada na Baía de Guanabara, onde permaneceu por 10 anos. (PRATES, 2010, p. 67)

Já com a denominação de Academia de Marinha permaneceu, de 1849 a 1867, na Praça Mauá, tendo relevante progresso com a adoção do vapor e aço decorrentes da Revolução Industrial. Por fim, em 1886, já com o nome de Escola de Marinha, foi unificada ao Colégio Naval recebendo a denominação de Escola Naval (EN), nome que é utilizado até os dias de hoje. Essa instituição, assim como a Academia Real do Exército, auxiliou na educação superior nos primeiros anos da Corte no Brasil, conforme será apresentado mais adiante (PRATES, 2010, p. 68).

Verifica-se que a alteração na denominação na Academia de Guardas-Marinha significou muito mais do que uma nomenclatura, imprimindo um novo modelo educacional na Escola Naval, nome este utilizado ainda nos dias de hoje, em decorrência das novas práticas acerca da revolução industrial com novas diretrizes voltadas a tecnologias do vapor e aço, respectivamente.

Juntamente com a Academia Real dos Guardas-Marinhas veio a sua biblioteca que apesar de existir em 1802, somente foi oficializada em 1846, pelo Decreto nº 479 do Império

do Brasil. Situada no Arsenal da Marinha da Corte tem como finalidade com os meios adequados dar uma formação variada aos oficiais da força. Seu acervo contava com obras científicas, roteiros e mapas antes pertencentes a diversas repartições da Marinha, foram unificados após várias mudanças internas de setores da Marinha, conforme citado por Ferreira (2014, p. 3059):

Criada em 1802, na Biblioteca da Academia Real dos Guardas-Marinhas, em Lisboa, a Biblioteca foi transferida para o Brasil em 1808. Foi criada oficialmente em 17 de outubro de 1846, pelo decreto nº 479 do Império do Brasil, estabelecida no Arsenal da Marinha da Corte, tendo como finalidade “ministrar os meios de uma instrução variada aos oficiais da armada, aos de Artilharia de Marinha e aos oficiais empregados nas repartições anexas” (SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA, 1956, p. 18). O acervo inicial era composto pela Biblioteca da Academia de Marinha, atual Escola Naval, com obras científicas, roteiros e mapas antes pertencentes a diversos arquivos da repartição de Marinha. Depois de passar por várias mudanças de subordinação, separações e fusões do Museu da Marinha e do Arquivo da Marinha, em 1953 foi incorporada pelo Serviço de Documentação da Marinha, que em 2008, por meio da Portaria nº 209/MB, passou a denominar-se Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

Entre idas e vindas foi confeccionado, a pedido do primeiro comandante da Academia dos Guardas-Marinha, uma relação de obras que vieram a ser fundamentais para inventariar o real tamanho do acervo da biblioteca. Essa relação foi denominada *Catálogo da Bibliotheca da Academia dos Guardas-Marinha*, contudo, foi perdida e somente localizada em 1970, no acervo da Biblioteca Nacional sendo, portanto, um longo período de dúvidas em relação ao que havia de relevante ou não para o acervo, segundo Ferreira (2014, p. 3060):

O primeiro diretor e comandante da Academia dos Guardas-Marinha, José Maria Dantas Pereira, responsável pela requisição das obras que julgasse próprias para aquela coleção (dentro e fora do reino), redigiu a pedido do Ministro da Marinha da época, uma minuciosa relação de todas as obras impressas, manuscritas e cartográficas, gerando assim o *Catálogo da Bibliotheca da Academia dos Guardas-Marinhas, creada por Ordem de S. A. R. na cidade do Rio de Janeiro*.

Tal catálogo não se tinha conhecimento de sua existência desde 1851, conforme descrito num relatório realizado por um bibliotecário da Biblioteca da Marinha, no referido ano, com o intuito de promover um inventário do acervo:

Somente no início da década de 1970, tal documento foi localizado no acervo da Fundação da Biblioteca Nacional pelo Almirante Max Justo Guedes (na época, Capitão de Mar e Guerra e Vice-Diretor do Serviço Geral de Documentação da Marinha, atual DPHDM), juntamente com sua equipe de pesquisadores. Seria uma cópia manuscrita do referido catálogo, possivelmente com assinatura autografa.

No catálogo mencionado anteriormente havia documentos ordenados de forma cronológica e por assuntos que a biblioteca considerava pertinentes, conforme citado por Hallewell (2005, p. 87):

Infelizmente não temos os catálogos (se é que foram feitos na época) de todos estes institutos. Existe somente, que eu saiba, o da Academia dos Guarda-Marinha, feito em 1812. É um catálogo sistemático onde as obras estão arroladas em ordem cronológica dentro dos seguintes assuntos: ciências naturais, ciências matemáticas (puras e mistas), ciências e artes navais, ciências e artes militares de terra, e polimatia ou poligrafia, como usamos mais hoje em dia.

É muito importante esclarecer que a existência desse catálogo, mesmo que por um curto espaço de tempo, foi fundamental para o desenvolvimento de um currículo acadêmico o qual prestigiava as matérias dos cursos realizados na Academia de Guardas-Marinha, sendo um currículo objetivo apenas com o essencial técnico voltado para a formação naval, com as devidas atualizações da época demonstrando sua natureza de biblioteca especializada e concentrada, conforme mencionado por Moraes (2006, p. 96):

Maria Beatriz Nizza da Silva, estudando o catálogo observou que se trata de uma livraria destinada a estudantes onde predominam as obras referentes às ciências ensinadas no currículo da academia. Em primeiro lugar, podemos considerá-la uma “livraria *atualizada*: se excetuarmos Euclides, a maior parte dos autores pertencia ao século XVIII, havendo 84 que ainda estavam vivos no início do século XIX [...] Observamos depois que se tratava de uma biblioteca *especializada e concentrada*, ou seja, os alunos da Academia dos Guarda-Marinha, encontravam nela os textos necessários às matérias que estudavam e não possuíam obras a mais, isto é, de áreas não relevantes para o seu aprendizado. Daí o escasso número de obras na sessão de literatura, e mesmo assim, nesta só se incluíram dicionários, gramáticas, textos filosóficos-científicos. E nenhum livro de poesia, nenhuma tragédia ou comédia, nenhum conto ou novela. Os alunos tinham à sua disposição aproximadamente 48 títulos em ciências naturais, 194 títulos em ciências matemáticas, 200 em ciências e artes navais, 70 em ciência em artes militares de terra, 138 na polimatia. Em terceiro lugar, constatamos que era uma biblioteca predominantemente *francesa*, quer pelos autores, quer pelos tradutores. É que os autores nacionais, em número reduzido, se concentravam na área de história e na de técnicas militares ou náuticas: contamos apenas 33 autores portugueses [...] não há dúvida que os alunos da academia dispunham de uma excelente biblioteca atualizada. Seria de se esperar que as livrarias da Academia Militar e da Médico-Cirúrgica fossem igualmente boas.

Por se tratar da biblioteca da primeira F.A. no território nacional, fica evidente seu pioneirismo na formação e no desenvolvimento de um acervo voltado para a comunidade acadêmica da Academia Real de Guardas-Marinha, o que não a torna obsoleta, pois ao mesmo tempo, vê-se uma contemporaneidade nas obras sob sua guarda denotando um olhar atual e

moderno para a época, pois seu acervo dispunha de obras com muitos de seus autores vivos, em que pese, estar voltada a matérias precipuamente navais.

3.2.3 Academia Real Militar

A criação da Academia Real pertencente ao Exército ocorreu de maneira mais dinâmica do que houve com a Academia de Guardas-Marinha, possivelmente em decorrência de objetivos dos quais se buscava alcançar com tal escola. Enquanto na Academia de Guardas-Marinha a formação era estritamente naval, a Academia Real criou cursos para além da vida castrense. Percebe-se isso de forma mais fluída na Carta de Lei de 4 de dezembro de 1810, figura 2, pois menciona a criação de uma biblioteca como pertencente a estrutura da escola, algo ocorrido com a Academia de Guardas-Marinha muitos anos depois de sua criação, e sobre esta formação mais plural é o que será visto mais adiante.

Figura 2 – Criação da Academia Real Militar. Fonte: Câmara dos Deputados.

<p>CARTA DE LEI—DE 4 DE DEZEMBRO DE 1810</p> <p>Crea uma Academia Real Militar na Côrte e Cidade do Rio de Janeiro.</p>
<p>D. João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber a todos os que esta carta virem, que tendo consideração ao muito que interessa ao meu real serviço, ao bem publico dos meus vassallos, e à defesa e segurança dos meus vastos dominios, que se estabeleça no Brazil e na minha actual Côrte e Cidade do Rio de Janeiro, um curso regular das Sciencias exactas e de observação, assim como de todas aquellas que são applicações das mesmas aos estudos militares e praticos que formam a sciencia militar -em todos os seus difficeis e interessantes ramos, de maneira que dos mesmos cursos de estudos se formem habeis Officiaes de Artilharia, Engenbaria, e ainda mesmo Officiaes da classe de Engenheiros geographos e topographos, que possam tambem ter o util emprego de dirigir objectos administrativos de minas, de caninhos, portos, canaes, pontes, fontes, e calçadas: hei por bem que na minha actual Corte e Cidade do Rio de Janeiro se estabeleça uma Academia Real Militar para um curso completo de sciencias mathematicas, de sciencias de observações, quaes a physica, chimica, mineralogia, metallurgia e historia natural, que comprehenderá o reino vegetal e animal, e das sciencias militares em toda a sua extensão, tanto</p>
<p>Logo que possa formar-se uma bibliotheca scientifica e militar</p>
<p>238 CARTAS DE LEI ALVARÁS DECRETOS E CARTAS RÉGIAS</p> <p>para esta Academia, haverá um Lente de historia militar que servirá de Bibliothecario, e que no oitavo anno explicará a historia militar de todos os povos ; os progressos que na mesma fez cada nação ; e dando uma idéa dos maiores Generaes nacionaes e estrangeiros, explicará tambem os planos das mais celebres batalhas ; o que acatará de formar os alumnos, e os porá no caso de poderem com grande distincção ser verdadeiramente uteis ao meu real serviço em qualquer applicação que eu seja servido dar-lhes.</p> <p>Os Lentes serão obrigados a assistir aos exercicios praticos, segundo forem destinados todos os annos pela Junta Militar.</p>

Fonte: Disponível em: https://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/conteudo/Colecoes/Legislacao/Legimp-B1_62.pdf#page=2. Acesso em: 15 abr. 2020.

A Academia Real Militar nasceu com o propósito de formar profissionais que atuassem além da esfera militar, aproveitando seus préstimos também nas áreas de infraestrutura da nova metrópole. Nesta instituição os acadêmicos tinham à sua disposição conteúdos diversificados que iam desde a física até as ciências militares, conforme mencionado por Peregrino ([1995?], p. 15):

Os cursos jurídicos de Olinda e de São Paulo seriam as Escolas de Ensino Profissional superior que se seguiriam, mas são iniciativas que só viriam em 1827. O que vem primeiro, quando o Príncipe Regente precisa aparelhar a colônia, onde se instalava, são as escolas que prepararão profissionais destinados à defesa sanitária e militar da nova metrópole. Quanto ao ensino militar, seria implantado, ao findar de 1810, através da Academia Real Militar, onde deveria ministrar-se “um curso completo de ciências matemáticas, de ciências de observações, quais a Física, Química, Mineralogia, Metalúrgica, História Naval e das ciências militares”, segundo revela a “Carta de Lei” de 4 de dezembro, onde se estabelecia mais, que os cursos fossem feitos de modo a formar oficiais de Artilharia, Engenharia e ainda mesmo oficiais da classe de engenheiros geógrafos e topógrafos, que fossem também ter o útil emprego de dirigir objetos administrativos de minas, de caminhos, portos, canais, pontes e calçadas.

D. João VI com a ação de criar a Academia Real Militar buscou preencher a ausência de engenheiros tendo por consequência engenheiros militares. Contudo, isso mudou com a ruptura da, até então, Academia Real. Nasce, assim, a Escola Politécnica, voltada exclusivamente para as engenharias, e a Engenharia Nacional, conforme relata Peregrino ([1995?], p. 15):

Aí nitidamente presente a preocupação de promover a formação de engenheiros como desdobramento da formação militar. De fato, acompanhar o desenvolvimento do curso da Academia Militar, desde a sua instalação, em 1811, na antiga Casa do Trem, até a Escola Central, que em 1874 se emancipa em Escola Politécnica, sob a jurisdição do Ministério do Império, ver nascer a Engenharia Nacional, através de um persistente esforço de conciliação entre os dois aprendizados, o militar e o de engenheiro.

Já sob a denominação de Escola Militar e de Aplicação, em 1855, passa a lecionar matérias estritamente militares, afastando-se de vez da Engenharia, fato que levou a mudança para a Praia Vermelha sob o nome de Escola Militar da Praia Vermelha. Ressalte-se que, com a ascensão da burguesia comercial à época, esta escola foi a que absorveu os filhos desta classe social por ser menos onerosa, enquanto a classe rural mandava seus filhos para a Universidade de Coimbra, conforme relata Peregrino ([1995?], p. 15):

Em 1855 surge a Escola de Aplicações, no Rio de Janeiro, com a finalidade de reunir as matérias essencialmente militares, ao passo que a então chamada

Escola Militar conservaria o privilégio do Ensino Científico. Não tardaria a mudar também de nome. Em 1858, chama-se Escola Central e a outra, a que dela se desdobra, é que passa a denominar-se Escola Militar, com o apêndice: e de Aplicação. Está lançada aí, adiantemos, a semente daquela que viria a ser a ilustre Escola da Praia Vermelha, local onde, de resto, já se fixara.

De fato, na segunda metade do século XIX experimentou o Brasil transformações substanciais, principalmente decorrentes da Guerra do Paraguai, cujas consequências econômicas, políticas e intelectuais. Nessa fase, acentua-se a presença da nascente burguesia comercial e burocrática, que se fortalece em oposição à aristocracia agrária. Mas os filhos dessa nova burguesia não desfrutavam condições econômicas que lhes permitissem enfrentar os dispendiosos estudos através dos quais se aparelhavam as elites provenientes da abastada burguesia rural. E era então à Escola Militar que se encaminhavam eles como forma de realizarem as suas aspirações intelectuais.

De acordo com Silva (2009, p. 1), no início do século XX é fundada a Escola Militar do Realengo, que abarca a totalidade dos quadros da força terrestre, mudando para o município de Resende, recebendo a denominação de Escola Militar de Resende que, por sua vez, em 1951 foi alterada para Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) permanecendo com esta alcunha até a presente data.

A Biblioteca do Exército eclode com a iniciativa de um “civil” que ocupava até então o cargo de Ministro da Guerra do Império, o Senhor Franklin Dória (Franklin Américo de Menezes Dória), dos quadros da nobreza do Império sob o título de Barão de Loreto. Sendo criada anos após a Guerra do Paraguai em um contexto em que existiam duas visões dentro do Exército Brasileiro, a primeira oriunda a partir da visão dos oficiais feitos no *front* de batalha e a outra por oficiais bacharéis formados na Escola Militar da Praia Vermelha, junto com isso a crescente insatisfação da tropa em virtude da má remuneração, pouca capacitação e sucateamento, de acordo com Peregrino ([1995?], p. 19-20):

O certo é que o Exército era mal pago, mal recrutado, mal constituído. E um tanto por isso, bons oficiais derivavam para o campo político, onde encontrariam oportunidades mais brilhantes para suas aptidões sufocadas. Teria tido alguma inspiração nesse quadro de insatisfações profissionais, ao lado da vocação intelectual da Praia Vermelha, a ideia de criar a Biblioteca do Exército em 1881, para instalar-se em janeiro do ano seguinte? É verdade que a iniciativa foi de um ministro da Guerra (civil) que era escritor, o poeta Franklin Dória (Franklin Américo de Menezes Dória), dos quadros da nobreza do Império sob o título de Barão de Loreto. Admitimos que a condição de ministro e poeta explica muito da iniciativa e até lhe incute um toque intelectual irrecusável, não obstante a posição não relevante de Franklin Dória nas letras de seu tempo.

A respeito da Biblioteca do Exército faz-se relevante esclarecer que há divergências de pensamento em relação aos marcos históricos que norteiam a noção de continuidade ou não

da Biblioteca fundada por Franklin Dória, trazendo entendimentos paralelos que consequentemente atingem os valores que a instituição Exército Brasileiro tanto enaltece (PEREGRINO, [1995?], p. 80, *apud* BERKOWICZ, 2011, p. 1):

Mas enquanto Peregrino silencia sobre as condições e os motivos do fechamento, defendendo uma ideia de continuidade entre a “Biblioteca do Barão de Loreto” e a de “Dutra”, Cidade insiste em uma versão “desvinculadora”, enfatizando as ideias “antigas” que inspiraram a criação da Biblioteca do Exército, em 1881. Peregrino assim se refere à interpretação de Cidade: Positivamente, não há como acompanhar o ilustre mestre da História Militar do Brasil na sua interpretação desse capítulo da História do Exército. Sem sombra de dúvida, a Biblioteca do General Benício e do ministro Eurico Gaspar Dutra é a mesma do Ministro Franklin de Menezes Dória. Ocorreu verdadeiramente uma restauração, caracterizada com nitidez pelo empenho na recuperação do acervo disperso.

Alguns fatos evidenciam essa divergência, por exemplo, por não atender seu propósito enquanto biblioteca para servir de sala para avaliação de candidatos, a biblioteca permaneceu fechada pelo período de doze anos (1925-1937), as péssimas condições do espaço destinado à biblioteca, talvez esses acontecimentos não tenham ocorrido ao mesmo tempo, mas sufocaram a Biblioteca e não permitiram o cumprimento da sua existência, conforme Berkowicz (2011, p. 2):

Umberto Peregrino, general, diretor da Biblioteca do Exército de 1954 a 1960 [...]. O funcionamento da Biblioteca, de acordo com sua narrativa foi interrompido diversas vezes, por conta da precariedade das instalações ou da utilização do espaço para outros fins, como em 1922, quando o salão de leitura passou a ser usado para o funcionamento do Conselho de Guerra e para bancas de exames de oficiais da Escola de Aperfeiçoamento. Em 1925 a Biblioteca é fechada por aviso do Ministro da Guerra Setembrino de Carvalho. Longe de ser mais uma breve interrupção, este aviso ministerial mantém a Biblioteca fechada por nada menos do que doze anos.

Neste sentido, o culto ao passado é norteador para ambos, contudo, com carga maior para Peregrino o qual se baseia nisto ao dizer que o Exército e a Biblioteca se confundem politicamente, trazendo a ideia de estabilidade podendo ter sido constante e sem intercorrências. Por outro lado, tanto a Força Terrestre quanto a Biblioteca passariam por diversas incursões ao longo do tempo, desde revoltas e fechamentos, respectivamente. Considerações não relevantes para o debate em relação ao aperfeiçoamento da biblioteca na prestação de seus serviços, mas que somente reinventam as tradições que o Exército Brasileiro tanto se vangloria, conforme Berkowicz (2011, p. 4):

A década de 1920 foi bastante conturbada para o Exército brasileiro. O período foi marcado por profundas divisões no interior da instituição, já

visíveis desde o golpe de 1889 e os primeiros anos da república. Essas divergências levaram a uma série de movimentos políticos, como as “revoltas tenentistas”, em 1922, 1924 e a Coluna Prestes entre 1925 e 1927, que culminariam na Revolução de 30. As obras de fundo memorialista, como a de Peregrino, procuram tecer uma história onde a Biblioteca e o próprio Exército aparecem como instituições de sólidas raízes e estáveis politicamente.

Por fim, é visto o quanto essa biblioteca carrega de cicatrizes em virtude de má gestão, disputa de egos, desvio de finalidade, fatos que não somente acometem esta, mas outras bibliotecas geridas pelas mais distintas instituições mundo afora e ao longo da história. Percebe-se, nitidamente, que quando há instabilidade nas instituições mantenedoras aquelas são afetadas de sobremaneira, muitas vezes retornando os esforços e as conquistas dessas bibliotecas à estaca zero.

3.2.4 Biblioteca da Força Aérea Brasileira

Nas informações públicas disponibilizadas pela Força Aérea Brasileira em seu site e na literatura pesquisada, não ficou claro a origem da biblioteca no âmbito da Força. Entretanto, há evidências que serão apresentadas neste trabalho para contextualizar e entender a biblioteca na FAB.

O mais antigo registro conhecido da ideia de criação de um instituto voltado para a preservação e o estudo da História da Aeronáutica Brasileira consta de um livro de Domingos Barros (1865-1938) publicado em 1940, intitulado Aeronáutica Brasileira. Só décadas após a sugestão de Barros, porém, a ideia foi materializada, quando, por iniciativa do Ten Brig Ar Deoclécio Lima de Siqueira, projeto semelhante foi apresentado ao então Ministro da Aeronáutica Ten Brig Ar Octávio Júlio Moreira Lima. O ministro levou a proposta ao Presidente da República, José Sarney, que aprovou a criação do instituto pelo Decreto nº 92.858, de 27 de junho de 1986. O Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER) enfim surgia, “com a finalidade de pesquisar, desenvolver, divulgar, preservar, controlar e estimular as atividades referentes à memória e à cultura da aeronáutica brasileira.”

O INCAER possui uma Biblioteca que reúne cerca de oito mil volumes da literatura aeronáutica brasileira e estrangeira, alguns deles raros, ou pela data de edição ou por estarem esgotados no mercado livreiro. A maioria deles é proveniente de doações de entidades civis e militares, de familiares de militares ou de amantes da Aviação. São frequentes as visitas de pesquisadores e alunos interessados neste acervo de características tão peculiares.

Em 1975, foi criado o Sistema de Documentação do Comando da Aeronáutica (SISDOC), no qual contempla a área de biblioteconomia. Tem como objetivo gerenciar as atividades (aquisição, recebimento, expedição, arquivamento, avaliação, seleção, coleção, produção, catalogação, conservação, restauração, preservação, atualização, trâmite, acesso, reprodução, circulação, difusão, utilização, armazenamento e controle de documentos) inerentes à documentação. Foi instituído pela Portaria nº 40/GM3, de 3 de abril de 1975. Entretanto, em 28 de janeiro de 2015 foi aprovada a Portaria nº 127/GC3 que o reformulou, e, posteriormente, a Portaria nº 171/GC3, de 25 de janeiro de 2017, no parágrafo único do Artigo 1º ratifica as incumbências atinentes ao SISDOC relacionadas aos materiais bibliográficos e arquivísticos discriminados na Política Específica de Documentação. No Artigo 4º inciso 2º elenca as funções das bibliotecas na estrutura organizacional, as que possuem bibliotecários atuantes.

O SISDOC é integrado por um órgão diretor o Centro de Documentação da Aeronáutica (CENDOC). As organizações militares na esfera do Comando da Aeronáutica têm suas instituições e competências definidas em Regulamentos e Regimentos Internos próprios ou das Organizações a que pertencem. O CENDOC possui as seguintes atribuições elencadas a seguir:

- 1) planejar, coordenar, controlar e orientar a execução das atividades do Sistema;
- 2) apoiar tecnicamente a execução das atividades pelos elos do Sistema;
- 3) implementar ações para capacitar, qualificar e treinar o pessoal necessário ao Sistema;
- 4) suprir e manter os Elos, no que se refere às necessidades para o funcionamento do Sistema;
- 5) disciplinar a atividade-meio por intermédio de Normas de Sistemas do Comando da Aeronáutica (NSCA);
- 6) fiscalizar a aplicação das NSCA pertinentes;
- 7) planejar e elaborar as propostas visando a inclusão no orçamento do COMAER dos recursos necessários ao desempenho das atividades do Sistema Aéreo;
- 8) interagir com as Organizações congêneres das demais Forças Armadas, instituições civis públicas similares, sociedades científicas e universidades, para fins de pesquisa e acompanhamento contínuo da evolução tecnológica e científica nessa área. (COMAER, 2020, p.1)

A FAB possui a missão síntese de "manter a defesa do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da Pátria", neste sentido há o Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA).

O DECEA possui a função de controlar o espaço aéreo brasileiro, promover os serviços de navegação aérea e organizar o tráfego aéreo no Brasil.

A Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 212-3/2017 busca, padronizar, descrever e normalizar os produtos e serviços oferecidos pela Rede de Unidades de Informação do DECEA (REUNI), com o propósito de viabilizar o funcionamento em conjunto das bibliotecas, unidades de informações e organizações militares subordinadas ao DECEA, melhorando os serviços com intuito de satisfazer as necessidades de informações dos usuários.

3.3 REDE DE BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS

Em capítulo anterior as bibliotecas especializadas foram apresentadas, sua criação, objetivos e algumas de suas particularidades. Neste capítulo será analisada outra faceta na biblioteconomia moderna que foi a criação de redes de biblioteca, redes estas que existem nas mais diferentes naturezas de biblioteca, permitindo assim, o compartilhamento e a disseminação da informação numa proporção maior do que de forma individualizada.

Segundo Tomaél (2005, p. 7) apesar de aparecer como serviços cooperativos, parcerias, compartilhamento e consórcio, o cerne da criação de algo do gênero é para que haja ganhos a todos os seus participantes.

Muitos são os termos empregados para conceituar e denominar as redes, como: serviços cooperativos, parcerias, compartilhamento e consórcio. A literatura ora os aborda como sinônimos ora destaca algumas peculiaridades que justificam uma distinção entre eles [...] todos esses termos, visto que sua aplicação, seus objetivos e suas funções estão sempre relacionados ao desenvolvimento de uma atividade que deve proporcionar benefícios comuns aos seus integrantes. (TOMAEL, 2005, p. 7).

Do ponto de vista digital, Cunha (2008, p. 12) afirma que as bibliotecas precisam cooperar para que haja aprimoramento de pessoal frente às novas demandas tecnológicas, manejo na hora de negociar frente aos concorrentes, padronização que por sua vez fará com sejam efetivadas ações que obrigarão a implementação de redes cooperativas.

No contexto digital, as bibliotecas precisam cooperar por três razões: 1) os recursos humanos devem ter o conhecimento tecnológico demandado por inúmeras organizações; 2) o estabelecimento de laços cooperativos aumentará o poder de barganha das bibliotecas em relação aos seus competidores, 3) a adoção de normas e padrões comuns terá impacto nas

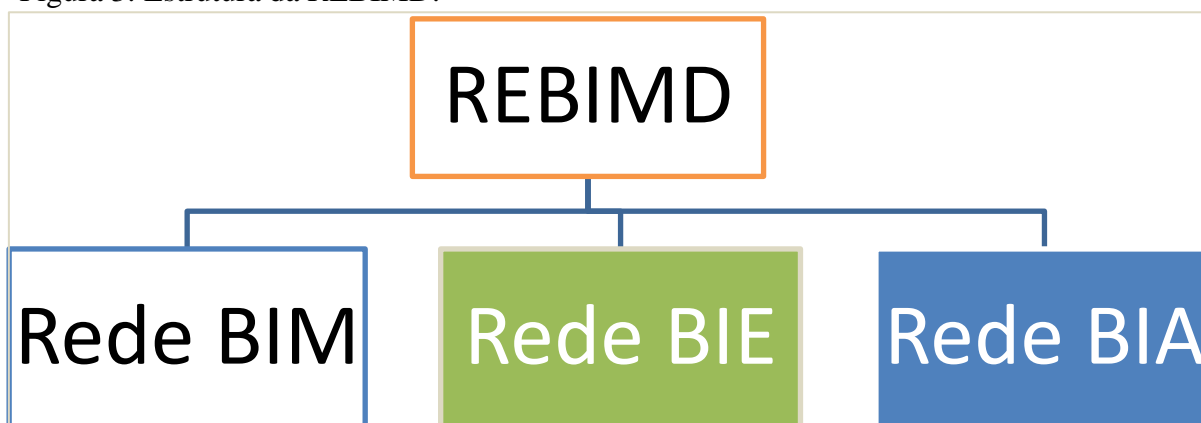
atividades de reciclagem dos recursos humanos e na adoção de tecnologias que forçarão ações cooperativas. (CUNHA, 2008).

As bibliotecas das Forças Armadas, ao longo dos anos, também implementaram suas próprias redes de biblioteca.

3.3.1 Rede de Bibliotecas do Ministério da Defesa – REBIMD

A Rede de Bibliotecas do Ministério da Defesa (REBIMD) foi criada em novembro de 2011, abrange hoje o acervo de 112 bibliotecas das F.A (Marinha do Brasil, Exército Brasileiro, Comando da Aeronáutica).

Figura 3: Estrutura da REBIMD.



Fonte: elaboração própria, 2020.

Faz parte do acervo: livros, manuais, periódicos, artigos de periódicos, teses e dissertações, gravações de vídeo, obras raras e materiais digitais de diversas áreas do conhecimento, com destaque para política, estratégia, defesa, relações internacionais, história militar e cartografia. São elencados alguns objetivos dessa rede:

1. Disponibilizar o catálogo do acervo das instituições participantes;
2. Desenvolver produtos e serviços que explorem e maximizem a utilização de recursos compartilhados;
3. Contribuir para o desenvolvimento tecnológico e científico, bem como para a capacitação profissional na área de Defesa Nacional;
4. Contribuir para o controle bibliográfico nacional;
5. Disponibilizar o acesso à informação entre as instituições participantes; e,
6. Contribuir para a formação da mentalidade de defesa na sociedade brasileira. (REBIMD, 2020)

Estas metas levam em consideração, principalmente, o caráter de divulgar a defesa nacional brasileira, além disso, convergem com o que propôs Aragon (2017, p. 42), pois os ganhos decorrentes das redes de cooperação são: maior oferta de serviços, qualificação técnica e crescimento das bibliotecas. É sabido o quão são afetadas as bibliotecas de natureza especializada, conforme mencionado por Figueiredo (1978, p. 156) “outra característica das bibliotecas especializadas consiste em que elas proliferam, morrem e renascem ao sabor das pressões econômicas [...]” e políticas.

A participação dinâmica em redes de cooperação tem auxiliado as bibliotecas, a ultrapassarem as barreiras de acesso à informação e ao conhecimento para seus usuários na oferta de serviços de qualidade e de aperfeiçoamento técnico. As redes e o aproveitamento de sinergias geradas, a partir da cooperação fortalecem as chances de crescimento das bibliotecas. (ARAGON, 2017, p.40).

Contudo exige-se um aparato tecnológico e orgânico: elementos necessários para de fato instituir redes cooperativas, e assim estabelecer um *background* que impulse a participação das organizações militares curadoras da informação no processo de tomada de decisão nas respectivas F.A.

3.3.2 Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha – Rede BIM

A Rede de Bibliotecas Integradas da Marinha (Rede BIM) foi criada em 2004, sendo gerida e coordenada pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), órgão que trata da curadoria nas áreas de documentação, museu e biblioteca, não necessariamente nessa ordem. Por sua vez, a execução fica a cargo da Biblioteca da Marinha (BM), que presta assessoramento e treinamento ao pessoal das bibliotecas participantes da Rede. Participam e cooperam 42 bibliotecas de diversas organizações militares da estrutura da Marinha do Brasil (MB) e de outros órgãos como o HFA (Hospital das Forças Armadas) pertencente ao Ministério da Defesa (MD).

Em seu portal eletrônico são destacadas algumas prerrogativas em relação ao que a Rede pode oferecer:

1. Otimização das atividades de aquisição, permuta e doação;
2. Redução dos custos ao utilizar um sistema único para manutenção do catálogo coletivo;
3. Catalogação compartilhada;
4. Empréstimo entre as bibliotecas da MB e bibliotecas parceiras;

5. Desenvolvimento conjunto das bibliotecas e fortalecimento das parcerias internas;
6. Disseminação de boas práticas da Biblioteconomia e incremento dos acervos e serviços prestados;
7. Capacitação contínua dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca;
8. Vantagens nas negociações com fornecedores comuns; e
9. Interação entre os membros da Rede. (REDE BIM, 2020).

A rede é operada por meio do sistema *Pergamum*¹, que foi implementado na Biblioteca da Marinha (BM) no ano de 2001, posteriormente, no ano de 2003 o antigo Serviço de Documentação da Marinha (SDM), hoje Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), resolveu integrar todas as bibliotecas da MB (Marinha do Brasil), fato que ocorreu primeiramente em consequência da variedade de softwares em uso nas bibliotecas que geravam grandes custos de manutenção de assinaturas e atualizações para a MB, por fim com o *Pergamum* buscou-se otimizar os recursos financeiros e computacionais.

No ano de 2001, a Biblioteca da Marinha, sob a direção do antigo Serviço de Documentação da Marinha (SDM), passou a utilizar o Sistema Pergamum para a informatização do seu acervo. Na época, os fatores que levaram à escolha deste *software* foram a sua capacidade de atender às necessidades existentes e os serviços que apresentava, tais como o compartilhamento de dados e o intercâmbio de informações, a utilização de padrões e formatos específicos, o suporte técnico e a manutenção em tempo hábil. Em 2003, o SDM teve a iniciativa de integrar todas as bibliotecas da MB, motivado pelo objetivo de reduzir os custos com a manutenção de *software* para bibliotecas. Após breve diagnóstico da situação, estudo do custo/benefício e a avaliação dos trabalhos e serviços, constatou-se que 12 *softwares* distintos estavam sendo utilizados e os gastos com a renovação de suas assinaturas e atualizações já se aproximavam de R\$ 243.000,00. Foi então que o Sistema Pergamum pode ser incorporado ao projeto da Rede BIM, por possibilitar a cooperação de dados entre as bibliotecas a partir de uma comunicação em rede e proporcionar a economia de recursos materiais. (AJUS, 2011, p. 7).

Após a conclusão da integralização dos acervos das bibliotecas da MB para o digital, pôde-se iniciar o desenvolvimento dos serviços de rede e de catalogação cooperativa, houve também uma modernização em relação aos serviços de referência no qual há melhoramentos, segundo Ajus (2011, p. 8): [...] “seja nas buscas e localização das publicações, no controle de entrada e saída de material, na avaliação da circulação de documentos, assim como, nos empréstimos domiciliares e entre as bibliotecas”.

¹ PERGAMUM: “Sistema Integrado de Bibliotecas desenvolvido pela Divisão de Processamento de Dados da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, implementado na arquitetura cliente/servidor com interface gráfica, programação em Delphi que utiliza o banco de dados relacional SQL. O sistema contempla as principais funções de uma biblioteca funcionando de forma integrada da aquisição ao empréstimo, tornando-se um software de gestão de bibliotecas”. Disponível em: http://www.pergamum.pucpr.br/redepergamum?_ga=2.97847261.354804457.1597844972-1870102817.1597844972

Tabela 1: Bibliotecas integrantes da Rede BIM

Rede BIM	
BIBLIOTECA	OM
Biblioteca da Marinha	DPHDM
Biblioteca Volante	BV - DPHDM
Biblioteca do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro	AMRJ
Biblioteca do Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão	CAAML
Biblioteca da Escola Técnica do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro	ETAM
Biblioteca do Centro de Adestramento Almirante Newton Braga	CAANB
Biblioteca do Centro de Sinalização Náutica e Reparos Almirante Moraes Rego	CAMR
Biblioteca do Centro de Análises de Sistemas Navais	CASNAV
Biblioteca do Centro de Apoio a Sistemas Operativos	CASOP
Biblioteca do Centro de Hidrografia da Marinha	CHM
Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Alexandrino	CIAA
Biblioteca do Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval	CIAAN
Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha	CIAGA
Biblioteca do Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átila Monteiro Aché	CIAMA
Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Milciades Portela Alves	CIAMPA
Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo	CIASC
Biblioteca do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk	CIAW
Biblioteca do Centro de Inteligência da Marinha	CIM
Biblioteca do Centro de Mísseis e Armas Submarinas da Marinha	CMASM
Biblioteca da Casa do Marinheiro	CMN
Biblioteca do Centro de Manutenção de Sistemas da Marinha	CMS
Biblioteca do Colégio Naval	CN
Biblioteca do Comando do 5º Distrito Naval	COM5DN
Biblioteca do Centro de Projeto de Navios	CPN
Biblioteca do Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo	CTMSP
Biblioteca da Diretoria de Engenharia Naval	DEN
Biblioteca da Diretoria de Hidrografia e Navegação	DHN
Biblioteca da Diretoria de Sistemas de Armas da Marinha	DSAM
Biblioteca da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará	EAMCE
Biblioteca da Escola de Aprendizes Marinheiros do Espírito Santo	EAMES
Biblioteca da Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco	EAMPE

Biblioteca da Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina	EAMSC
Biblioteca da Escola de Guerra Naval	EGN
Biblioteca do Estado Maior da Armada	EMA
Biblioteca da Escola Naval	EN
Biblioteca do Hospital Naval Marcílio Dias	HNMD
Biblioteca do Hospital das Forças Armadas	HFA
Biblioteca do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira	IEAPM
Biblioteca do Instituto de Pesquisas da Marinha	IPqM
Biblioteca da Odontoclínica Central da Marinha	OCM
Biblioteca da Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar	SECIRM
Biblioteca do Tribunal Marítimo	TM

Fonte: Ministério da Defesa, Rede BIM.

3.3.3 Rede de Bibliotecas Integradas do Exército – Rede BIE

A Rede BIE foi criada por meio da portaria nº 1.043, de 11 de dezembro de 2012, sendo administrada pelo Departamento de Cultura e Educação do Exército (DECEX).

Art. 1º Criar a Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE), com a finalidade de proporcionar a cooperação dos serviços técnicos entre bibliotecas integrantes, prover o compartilhamento de informações (militares e especializadas) e facilitar o acesso às informações e acervos aos usuários destas bibliotecas.

Art. 2º A Rede BIE será gerenciada pelo DECEX. (BRASIL, 2012, p. 9)

Tem como missão: “Promover, integrar, compartilhar, divulgar e disseminar a informação referente às atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do Exército Brasileiro” (REDE BIE, 2016, p. 1). A Rede BIE foi criada com a finalidade de “proporcionar a cooperação dos serviços técnicos entre bibliotecas integrantes, prover o compartilhamento de informações (militares e especializadas) e facilitar o acesso às informações e acervos aos usuários destas bibliotecas” (BRASIL, 2012, p. 9).

Apesar de sua criação ter ocorrido no ano de 2012, a iniciativa ocorreu antes, com início no ano de 2007, com a participação de vários entes envolvidos, segundo (CARVALHO *et al.*, 2013, p. 3):

A história da Rede BIE se iniciou no ano de 2007, a partir de uma proposta da Seção de Pós-Graduação da ECEME, que foi consolidada pela Coordenadoria de Avaliação e Desenvolvimento de Educação Superior Militar no Exército (CADESM) com o apoio da Fundação Trompowsky e da

Assessoria de Tecnologia da Informação e Educação a Distância (ATED) do DECEX.

Importante evidenciar que existem momentos distintos em relação a sua criação, pois no portal eletrônico da Rede BIE, destaca-se que num primeiro momento a Rede é criada no âmbito do DECEX. Em 2007, contudo, com a participação de todo o Exército surge com a portaria nº 1.043, de 11 de dezembro de 2012 mencionada anteriormente de autoria do EME (Estado-Maior do Exército).

A Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (BIE) foi criada no ano de 2007, no âmbito do DECEX, de acordo com a Diretriz do Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa. E no âmbito do Exército Brasileiro foi criada pelo Estado-Maior do Exército conforme Portaria Nº 1.043, de 11 de dezembro de 2012. (REDE BIE, 2020)

Após esse momento, a participação de profissionais bibliotecários e programadores foi fundamental para a execução do projeto de implantação da Rede, fato que dá credibilidade para essas categorias, e incentiva a adoção de práticas pertinentes a essas áreas.

[...] uma equipe multidisciplinar composta por integrantes formados em Biblioteconomia e Tecnologia da Informação teve como objetivo viabilizar o processo de padronização, integração e informatização dos acervos bibliográficos do Exército Brasileiro, bem como facilitar o acesso e a recuperação das informações de forma precisa e ágil. (CARVALHO, 2013, p. 3)

A Rede BIE encontrou lacunas em relação a padronização de catalogação e processamento técnico que seriam trabalhados nas organizações militares da estrutura do EB. Notou-se a existência de diversos softwares nas bibliotecas destas organizações, deficiências em relação a qualificação dos recursos humanos, aos serviços de pesquisa, disseminação e recuperação da informação.

O foco principal seria promover a padronização no serviço de catalogação e processamento técnico, visando à integração destes serviços entre as Organizações Militares. Desta forma, o grupo de trabalho realizou um levantamento junto às bibliotecas militares. O resultado diagnosticado foi à existência de aproximadamente dez softwares de banco de dados bibliográficos diferentes. Além disso, foi verificado também que as Bibliotecas enfrentavam várias dificuldades com relação a pesquisa, disseminação, recuperação das informações e recursos humanos. (CARVALHO *et al.*, 2013, p. 4)

De acordo com Carvalho (2013), “após diversas reuniões e debates entre os Bibliotecários, optou-se pela escolha do Sistema de Gestão de Bibliotecas *Pergamum*”, fato que coincide com o que ocorreu na Rede BIM, as redes sendo integrantes da REBIMD. Em

2011, a Rede BIE passou a integrar a Rede de Bibliotecas do Ministério da Defesa, a REBIMD.

Verifica-se que após a adesão de 23 bibliotecas foi necessário fazer alguns ajustes para que a Rede funcionasse na prática, tais condições mostram o *modus operandi* após a criação de uma Rede cooperativa, podendo trazer um ganho imensurável para outras redes que por ventura possam ser criadas, levando em consideração, por exemplo, treinamentos, aplicação de questionário de verificação de recursos, suporte e manutenção da área de informática, inventário e correção de dados; junção de acervos e empréstimo entre Bibliotecas, entre outros, conforme Carvalho (2013, p. 4-5).

Na primeira fase de implantação, 23 bibliotecas foram selecionadas para participarem do projeto que envolveu os seguintes aspectos: treinamentos; testes no Sistema de Gestão de Bibliotecas adotado; mobilização da equipe de parametrização e da equipe de informática; aplicação do questionário de verificação de recursos; suporte e manutenção da área de informática; visitas programadas; migração de dados - usuário e acervo; plano de contingência; promoção de um curso para os auxiliares de bibliotecas; mapeamento de processos; inventário e correção de dados; junção de acervos e empréstimo entre Bibliotecas.

Segundo o portal eletrônico da Rede BIE, ela é composta por 65 bibliotecas. Entre elas, estão a própria Biblioteca do Exército (BIBLIEx), bibliotecas dos Centros de Instrução, dos Colégios Militares, das Escolas de formação dos militares de carreira da Força (AMAN, ESA), dos Centros Históricos, Estado-Maior do Exército (EME), Comando de Operações Terrestres (COTER), entre outras. Localizadas em 9 estados do Brasil, possui maior concentração no região sudeste e centro-oeste. (REDE BIE, 2020).

Tabela 2: Bibliotecas integrantes da Rede BIE

Rede BIE	
BIBLIOTECA	OM
Biblioteca Franklin Dória	BIBLIE _x
Biblioteca Lobo Vianna	BIBLIE _x
Biblioteca General Benício	BIBLIE _x
Biblioteca Coronel Macedo	BIBLIE _x - CPHIME _x
Biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras	AMAN
Biblioteca do Clube Militar	-
Biblioteca do Colégio Militar de Brasília	CMB
Biblioteca do Colégio Militar de Curitiba	CMC
Biblioteca do Colégio Militar de Fortaleza	CMF
Biblioteca do Colégio Militar de Porto Alegre	CMPA
Biblioteca do Colégio Militar do Recife	CMR
Biblioteca do Colégio Militar do Rio de Janeiro	CMRJ
Biblioteca do Colégio Militar de Juiz de Fora	CMJF
Biblioteca do Colégio Militar de Santa Maria	CMSM
Biblioteca do Colégio Militar de São Paulo	CMSP
Biblioteca do Comando de Operações Terrestres	COTER
Biblioteca do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva e Colégio Militar de Belo Horizonte	CPOR / CM - BH
Biblioteca do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre	CPOR - PA
Biblioteca do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro	CPOR - RJ
Biblioteca do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo	CPOR - SP
Biblioteca do Centro Tecnológico do Exército	CTE _x
Biblioteca do Departamento de Ciência e Tecnologia	DCT
Biblioteca do Departamento-Geral de Pessoal	DGP
Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	ECEME
Biblioteca do Estado-Maior do Exército	EME
Biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais	ESAO
Biblioteca da Escola de Formação Complementar do Exército e Colégio	EsFCE _x - CMS

Militar de Salvador	
Biblioteca da Escola Superior de Guerra	ESG
Biblioteca da Escola Preparatória de Cadetes do Exército	EsPCEEx
Biblioteca da Escola de Sargentos das Armas	EsSA
Biblioteca da Escola de Saúde do Exército	EsSEEx
Biblioteca do Hospital Central do Exército	HCE
Biblioteca do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército	IPCFEx- EsEFEx
Biblioteca do Arquivo Histórico do Exército	AHEEx
Biblioteca do Centro de documentação do Exército	C Doc Ex
Biblioteca do Centro de Estudos de Pessoal	CEP
Biblioteca do Centro de Instrução de Operações de Paz	CIOPAZ
Biblioteca do Centro de Instrução Pára-quadista General Penha Brasil	CI Pqdt GPB
Biblioteca do Centro de Instrução de Aviação do Exército	CI Av Ex
Biblioteca do Centro Integrado de Guerra Eletrônica	CIGE
Biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos	EASA
Biblioteca da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea	Es A Cos AAe
Biblioteca Escola de Comunicações	Es COM
Biblioteca Escola de Equitação do Exército	Es Eq Ex
Biblioteca Escola de Instrução Especializada	Es I E
Biblioteca Escola de Material Bélico	Es M B

Fonte: Ministério da Defesa, Rede BIE

3.3.4 Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica – Rede BIA

De acordo com o portal eletrônico a Rede BIA (Rede de Bibliotecas Integradas da Aeronáutica), foi criada por meio da Portaria nº 828/GC3 de 08/07/2016, visando disponibilizar, por meio das redes Intranet (Interna) e Internet (Externa), pesquisas sobre periódicos, livros, teses, dissertações e artigos que venham a ser produzidos pelo COMAER (Comando da Aeronáutica). Tem como missão “[...] produzir, disseminar o conhecimento, integrar a informação, o fomento à pesquisa e o desenvolvimento de acervos da Força Aérea Brasileira”. Dentre as redes de bibliotecas militares relatadas até aqui, é a única que utiliza sistema de gestão de bibliotecas diferente das demais, sendo utilizado o Sophia², gerido pela PRIMA, empresa desenvolvedora da linha de softwares voltados para bibliotecas, escolas e museus criada por profissionais do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e da

² <https://www.sophia.com.br/solucoes/bibliotecas/outras-bibliotecas>

UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) , que por sua vez, foi adquirida pela multinacional canadense Volaris, isso de acordo com o portal eletrônico da Prima.

A gestão da Rede BIA é de competência do Centro de Documentação da Aeronáutica (CENDOC), o gerenciamento é atribuição da Seção de Biblioteconomia - SBI, que compete a prestação de assessoramento e suporte por meio dos treinamentos as OM participantes da Rede BIA.

Conforme tabela mais adiante participam da Rede 24 bibliotecas da estrutura do Comando da Aeronáutica. A Rede de Bibliotecas Integradas tem como objetivos:

1. Aumentar a disponibilidade e o acesso às informações;
2. Otimizar e interligar recursos, visando o melhor atendimento a um número maior de usuários;
3. Racionalizar gastos com infraestrutura de informação (acervo, recursos humanos e equipamentos);
4. Racionalizar esforços para o mesmo fim;
5. Minimizar custos e maximizar a disponibilidade e a qualidade de informação;
6. Promover e apoiar programas, projetos e atividades que visem à capacitação e ao aperfeiçoamento técnico-científico;
7. Favorecer o compartilhamento e a disseminação das informações contidas em diferentes suportes e tipos de materiais;
8. Contribuir para a preservação e difusão da memória do COMAER; e
9. Integrar e favorecer o trabalho cooperativo entre os profissionais da informação no âmbito do COMAER. (REDE BIA, 2020)

A portaria destaca a participação do Comando Geral do Pessoal (COMGEP) em seu artigo 6º: “Caberá ao COMGEP acompanhar, avaliar e apoiar, no que for necessário, as atividades da Rede BIA”.

A participação de OMs com status de quartel-general como DECEX (Departamento de Educação e Cultura do Exército) e COMGEP (Comando Geral do Pessoal da Aeronáutica) na participação das redes de bibliotecas militares é uma indicação de que tais redes são importantes para as respectivas F.A., enfatizando o papel de destaque das bibliotecas especializadas como ferramenta de desenvolvimento das atividades nas F.A.

Tabela 3: Bibliotecas integrantes da Rede BIA

Rede BIA	
BIBLIOTECA	OM
Biblioteca da Divisão de Informação e Documentação do ITA	ITA - DCTA
Biblioteca do Instituto de Estudos Avançados	IEAv-DCTA
Biblioteca da Divisão de Química do Instituto de Aeronáutica e Espaço	IAE - DCTA
Biblioteca da Divisão de Materiais do Instituto de Aeronáutica e Espaço	IAE - DCTA
Biblioteca da Divisão de Ciências Atmosféricas do Instituto de Aeronáutica e Espaço	IAE - DCTA
Biblioteca da Coordenadoria de Informação em C&T do Instituto de Pesquisas e Ensaios em Voo	IPEV-DCTA
Biblioteca do Centro de Computação da Aeronáutica	CCA-SJ-DTI
Biblioteca do Instituto de Controle do Espaço Aéreo	DECEA
Biblioteca do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes	CENIPA
Biblioteca da Academia da Força Aérea	AFA
Biblioteca da Universidade da Força Aérea	UNIFA
Biblioteca da Escola de Especialistas de Aeronáutica	EEAR
Biblioteca	CINDACTA I
Biblioteca	CINDACTA II
Biblioteca	CINDACTA III
Biblioteca	CINDACTA IV
Biblioteca	PAME-RJ
Biblioteca	SRPV-SP
Biblioteca	DDOC
Biblioteca	CGNA
Biblioteca	ICA
Biblioteca	ICEA
Biblioteca	GEIV
Biblioteca	IFI

Fonte: Ministério da Defesa, Rede BIA.

4 WEB 2.0

Não se imaginava que um dia uma sociedade seria tão conectada como a de hoje, em que informações são trocadas em curto espaço de tempo, como consequência a obsolescência destas informações é acelerada. O processo de transformação de produtos e serviços ganhou um ritmo nunca visto antes.

A internet foi utilizada, inicialmente, para fins de inteligência e comunicação dos Estados Unidos no período da Guerra Fria, conhecida até então como *ARPANET*, nomenclatura recebida no final dos anos de 1960 (ALMEIDA, 2005), e como já visto, com uma destinação totalmente distinta daquela conhecida atualmente.

Segundo Almeida (2005, p. 4), a internet até então grande rede de computadores passa a ser rede de redes, de modo que autorizado, qualquer pessoa ou computador pode se conectar. Conectado ao sistema é autorizada a transferência de informações entre computadores, tudo isso baseado na rede mundial de telecomunicações.

A internet com as características atuais surge, a partir, da década de 1990, quando a imediata expansão mundial motivou a criação da “www”, ou *World Wide Web*, de acordo com Almeida (2005), desenvolvida pelos engenheiros Robert Cailliau e Tim Berners-Lee, que incluía implementar a linguagem HTML e *Browsers* para pesquisa, mas ainda assim não é a internet que é conhecida atualmente. Esse primeiro momento é conhecido como *Web 1.0*, segundo Blattmann e Silva (2007) “antes a web era estruturada por meio de sites que colocavam todo o conteúdo *on-line*, de maneira estática, sem oferecer a possibilidade de interação aos internautas”, sendo assim uma grande vitrine em que quem está de fora não acessa e manuseia o que tem do lado de dentro, sendo possível somente a observação.

Conforme O`Reilly (2005), a *Web 2.0* tem como princípios: o computador como instrumento essencial para por meio da internet produzir, processar, consumir informação, que por sua vez, usuários comuns podem publicar e consumir informação de forma célere e constante. Neste contexto, é citada a criação de *Blogs* e *Wikis* (coleção livremente expansível de páginas *Web* interligadas em um sistema de hipertexto para armazenar e modificar informação - um banco de dados, no qual cada página é facilmente editada por qualquer usuário com um *browser*). Melhorando a definição, o hipertexto permite a construção coletiva do conhecimento, possibilitando a colaboração e revisão dinâmica. Por fim, a valorização do conteúdo colaborativo, que pode e deve ser utilizado por qualquer um que esteja conectado.

Sob esta configuração tem-se a inserção das bibliotecas para o digital e cooperadas em rede, em que devidamente autorizados os bibliotecários podem editar, inserir, disseminar a informação para o usuário final por meio da internet.

Genericamente, a Web 2.0 trouxe autonomia para quem acessa a internet, pois os produtos e serviços até então voltados para os computadores se voltou para o internauta. Por exemplo, transações bancárias, compras, consultas médicas online, permitindo por meio de recursos editáveis e disseminados na rede mundial de computadores, é nesse cenário que as redes sociais aparecem como poderoso instrumento de troca de informações e de inclusão digital.

5 REDES SOCIAIS

Sociologicamente esse fenômeno das redes sociais, mídias sociais é explicado por Castells (2005, p. 24). Primeiro pelo fato de a sociedade estar conectada em rede, segundo que essa virtualidade recria a realidade por meio de novas formas de comunicação socializável, sendo assim, o termo rede social, tendo como definição um “conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72), com isso, foram criadas comunidades na Internet a partir de sítios eletrônicos, que têm como pano de fundo a interação.

Ainda segundo Marteleto (2010), as redes sociais são interpretadas pelas Ciências Sociais em dois espectros: as primárias ou densas, advindas das relações cotidianas e espontâneas (família, vizinhança, amigos); e as secundárias, formadas pela atuação coletiva de grupos e movimentos que defendem interesses em comum, partilhando também conhecimentos, informações e experiências orientados para determinados fins.

A qualidade da Web 2.0, a interação social desenvolvida nestas redes sociais virtuais gera um fluxo absurdo de informações. O usuário passa a ter a chance de expor sua opinião e produzir conteúdo por meio de simples postagens que podem ser acrescidas de vídeos, sons e imagens, que por sua vez, poderão ser avaliadas, comentadas e compartilhadas por outros usuários.

Nesse sentido as redes sociais estão presentes na vida das pessoas, mesmo que alguém assuma ou não um perfil em alguma rede social. Involuntariamente, muitos assuntos que são decididos virtualmente reverberam na vida real das pessoas, seja um manifesto contra um governante, campanha para angariar fundos, decisão sobre política pública, as organizações tanto governamentais quanto particulares levam muito em consideração o que é debatido e

decidido nas mídias sociais para as suas próprias deliberações. Accart (2012) cita que a comunicação é a palavra para esse momento vivido na internet, em que os usuários se apropriam da Rede para trocarem entre si, dados, sons, imagens, filmes etc., dando origem a comunidades virtuais por grupos de interesses ou redes sociais como conhecemos atualmente. Além disso no segmento biblioteconômico os profissionais desenvolvem serviços, entre os quais o serviço de referência virtual mantendo real interação com o seu usuário. (ACCART, 2012, p. 188)

5.1 Orkut

Orkut foi criado no dia 24 de janeiro de 2004, por um engenheiro turco chamado *Orkut Büyükkökten*. Portanto, sua designação deriva do nome de seu criador. Como política para o desenvolvimento de seus colaboradores, o *Google* permite que 20% do tempo de expediente seja usado por estes para projetos pessoais, o *Orkut* surgiu fazendo uso deste tempo (BALDIN; HORST; ITO, 2011).

No início de sua criação o *Orkut* mirava os Estados Unidos. Contudo, sua adesão e popularização foi maior no Brasil, com 23 milhões de usuários no ano de 2008. Entretanto, não pode resistir ao crescimento do *Facebook* e saiu do ar no dia 30 de setembro de 2014 (BALDIN; HORST; ITO, 2011).

De acordo com Rocha *et al.* (2013) cada usuário do *Orkut* necessitava vincular a criação da conta a um e-mail. A partir dessa conta era criado um perfil com características pessoais de cada membro, conforme suas predileções e características anexando uma foto para visualização. O perfil de cada membro era constituído por uma página de comentários individuais, na qual sua rede de amigos interagiu a partir de recados, denominados *scraps*. “O site também oferecia a possibilidade de criação de comunidades. Cada comunidade tinha um dono, e faziam parte dela os usuários que eram aceitos por este. Dentro das comunidades era possível criar fóruns de discussões.” (ROCHA *et al.*, 2013).

5.2 Facebook

Criado em fevereiro de 2004, a partir da iniciativa de Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz, todos estudantes da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, com a alcunha de *thefacebook.com*, teve como proposta inicial servir para interação entre os estudantes do *Campus* da universidade, por meio de um mural eletrônico

para interação e troca de mensagens e fotos. No final de 2004, já contava com um milhão de usuários, apesar da quantidade de usuários até 2005, o já *Facebook* era restrito ainda somente a estudantes.

No ano de 2006 passou a aceitar usuários não estudantes em sua plataforma, com a entrada de empresas por meio de e-mail corporativo, passou a aceitar também inclusive usuários menores de 18 anos. Admitiu a divulgação de anúncios e vídeos e a implantação do aplicativo para *smartphones*. Com isso, sua ascensão meteórica fez com que em 2007 já contasse com mais de 60 milhões de usuários.

O ano de 2009 foi um divisor de águas para a rede social pois quando Zuckerberg implementa a ferramenta o *Like*, o símbolo “curtir” na postagem do usuário. Por conseguinte, quanto mais as pessoas gostarem da publicação mais *likes* ela terá. Em 2011, a maneira de escrever na rede muda para *timeline*, o modo que exhibe as postagens dos usuários em ordem cronológica.

Em 2018, segundo a Agência Brasil³, 2,3 bilhões acessavam a plataforma todo mês, sendo 1,5 bilhão todo dia. O *Facebook* chega com seus produtos a 34% da população mundial, se considerados os 7,5 bilhões de pessoas, de acordo com dados do Banco Mundial, isso inclui produtos como *WhatsApp*, *Instagram* e *Messenger* dos quais é detentora. No Brasil segundo o jornal Valor Econômico⁴ o *Facebook* tem 127 milhões de usuários.

Saraiva (2018) faz um estudo a respeito do uso do *Facebook* em algumas bibliotecas públicas do Distrito Federal: a Biblioteca Pública do Guará, a Biblioteca Pública da Ceilândia e a Biblioteca Pública de Taguatinga. Constatou-se que horários de funcionamento e informações sobre ações e atividades da biblioteca são os serviços e produtos que mais divulgam no *Facebook*. Convite para participação dos eventos e ações no espaço físico da biblioteca e homenagens (escritores, personalidades, comemorações de datas importantes), são postagens em que apenas a Biblioteca Pública da Ceilândia e a Biblioteca Pública de Taguatinga – Machado de Assis produzem (SARAIVA, 2018, 32).

Uma evidência registrada por Saraiva (2018) é:

Sobre as bibliotecas que não utilizam o Facebook, diversos motivos foram alegados para a não utilização. O motivo mais colocado foi a falta de infraestrutura (falta de equipamento e internet), sendo citado por 6 bibliotecas (Biblioteca Pública da Candangolândia, Biblioteca Pública do Cruzeiro, Biblioteca Pública do Gama, Biblioteca Pública da Samambaia, Biblioteca Pública de Sobradinho II, a Biblioteca Pública do Recanto das

³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/facebook-chega-26-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-com-suas-plataformas>. Acesso em: 06 nov 2020.

⁴ <https://valor.globo.com/politica/coluna/a-alfabetizacao-digital-dos-partidos.ghtml?>. Acesso em: 06 nov 2020

Emas – Lúcio Costa). A falta de funcionários foi outro motivo que a Biblioteca Pública da Candangolândia colocou como impedimento e a Biblioteca Pública de Brasília também. (SARAIVA, 2018, p. 32).

A questão da falta de insumos materiais e orgânicos pesa na decisão de implementar o uso de redes sociais, demonstrado nas bibliotecas citadas acima. Questões dessa natureza ainda são vivenciadas nas bibliotecas com menos recursos financeiros, deixando estas bibliotecas a margem do desenvolvimento tecnológico e informacional e colocando sua comunidade na mesma situação, nesse ponto, a questão de inserir redes sociais na biblioteca fica em segundo plano quando não se consegue o mínimo necessário.

5.3 *Twitter*

Fundada em 2006 por Jack Dorsey, Noah Glass, Christopher Isaac e Evan Williams, teve crescimento acelerado ao longo dos seus primeiros anos. Em 2012, o *Twitter* já tinha mais de 140 milhões de usuários ativos, que juntos somavam mais de 340 milhões de *tweets* por dia (TWITTER, 2012). Em 2018, o número de usuários ativos ao redor do mundo chegou a 335 milhões (VARIETY, 2018).

Atualmente, não se sabe precisar a quantidade de usuários no Brasil tendo em vista que não há convergência entre as várias fontes de informação em relação a esse total.

No *Twitter* cada usuário tem sua própria linha do tempo e cada postagem nessa linha é conhecida como um *tweet*, que são textos limitados a até 240 caracteres, algumas línguas asiáticas têm o limite de 140 caracteres (TWITTER, 2017). Cada *tweet* pode ser compartilhado por outros usuários em suas próprias linhas do tempo, esse processo é chamado de *retweet*.

Salcedo e Alves (2018) discorrem a respeito do uso do *Twitter* na Biblioteca Central Padre Aloísio Mosca de Carvalho, pertencente a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). “A Biblioteca Central da UNICAP atende, em média, 400 mil consultas por ano ao acervo, realiza mais de 700 mil empréstimos domiciliários por ano, e tem uma frequência média de 3.500 leitores por dia”. (SALCEDO, ALVES, 2018). Percebe-se intensa atividade no dia a dia da biblioteca.

O *Twitter* foi implantado na instituição no ano de 2009, utilizado para medir a satisfação dos usuários, servindo também para comunicação sobre os diversos acontecimentos pertinentes na BC e na universidade como um todo. O *Twitter* é denominado como um verdadeiro “mural eletrônico”, eventos e indicações de leituras são sugeridos, além da divulgação de novas aquisições da biblioteca. Também são publicadas notas sobre produtos e

serviços, às vezes remetendo (*link*) o usuário a outra página que contém maiores informações. Possui atualmente 1.924 seguidores.

Outro exemplo é o perfil da Biblioteca da Câmara dos Deputados em Brasília, instituído em 2011, contabiliza 596 seguidores, e possui funções de divulgação do acervo e das atividades, contudo, com a presença em muito *Tweets* de figuras animadas conhecidas como GIF (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos) para chamar a atenção do internauta. (TWITTER, 2020).

5.4 *Instagram*

Criado pelo brasileiro Mike Krieger e pelo norte-americano Kevin Systrom, o *Instagram* é um aplicativo gratuito, para tecnologia mobile (celular), que teve seu lançamento para o público no dia 06 de outubro de 2010. Inicialmente, feito apenas para os dispositivos móveis *Apple iOS5 (iPhone, iPad e iPod)*. Em função disso, a usabilidade e as funcionalidades eram desenvolvidas considerando as dinâmicas desses dispositivos móveis. Atualmente, esse aplicativo também pode ser acessado em outros dispositivos de tecnologia *Android*, permitindo ao usuário tirar fotografias, editá-las usando filtros e compartilhá-las no *Instagram* e em outras mídias sociais.

Afinal, após lançar a aplicação para esse sistema operacional, o *Instagram* atingiu o número de 30 milhões de usuários ativos, chegando a ser comprado pelo *Facebook*, em 2012, por 1 bilhão de dólares, com mais de 100 milhões de usuários.

No que concerne ao uso do *Instagram* em bibliotecas Garcia e Sá (2017) dizem:

Sob uma perspectiva da Gestão de Unidades de Informação, o *Instagram* é uma forma de divulgação da biblioteca, medindo a popularidade desta na internet, nos websites de redes sociais e propõe um novo desafio aos profissionais bibliotecários, pois a ferramenta requer competências destes profissionais para que possam realizar uma gestão adequada do perfil das bibliotecas.

Sendo assim o *Instagram* é um importante recurso para medir o alcance das bibliotecas em termos de visibilidade e popularidade, requerendo competências dos profissionais bibliotecários para gerir as contas vinculadas nas redes sociais da biblioteca.

As autoras mencionam alguns benefícios em se manter um perfil de biblioteca no *Instagram*, por exemplo, “instigá-los a conhecer melhor suas atividades, seu espaço;

visualizá-la como um local vivo, dinâmico, que pode proporcionar diversas experiências e inspirar a construção de diferentes tipos de conhecimento” (GARCIA; SÁ, 2017, p. 110).

Conforme Garcia e Sá, (2017) a adesão de algumas bibliotecas ao *Instagram*, por exemplo, a Biblioteca da Universidade Complutense (BUC), sistema de bibliotecas universitárias vinculadas à Universidad Complutense Madrid (UCM), universidade reconhecida como uma das instituições mais antigas da Europa, publicou pela primeira vez em setembro de 2015, seu perfil. Apresenta a informação de que é o perfil oficial da biblioteca, seguido pelo endereço de seu site principal. Atualmente, contabiliza 47.700 seguidores e 1.510 publicações (INSTAGRAM, 2020).

Garcia e Sá (2017) citam postagens do perfil da Biblioteca da Universidade Complutense baseadas nas atividades que acontecem na instituição, determinando a sequência temática das fotos e o dia das publicações. “Estas são descritas por meio de legendas breves, com uma linguagem simples e utilizando como recursos *hashtags* e em alguns *posts*, o *check in*”. As fotos publicadas retratam eventos, alguns itens do acervo e espaços da biblioteca.

No Brasil foram estudados os perfis da Biblioteca Mario de Andrade, conhecida pela sigla BMA, localizada em São Paulo, e da Fundação Biblioteca Nacional situada no Rio de Janeiro, com a alcunha de BN. Em relação a BMA, foi observado que a ideia principal do seu perfil no *Instagram* é:

[...] divulgar a programação cultural e artística que acontece na biblioteca, tratando dos eventos realizados nas dependências da biblioteca, incluindo, palestras, shows, apresentações musicais e teatrais, oficinas e cursos, exposições, lançamentos de livros, entre outros. Posts sobre o acervo e sobre os serviços (de forma explícita) não são feitos ou divulgados neste site de rede social. (GARCIA; SÁ, 2017, p. 119)

Ainda segundo Garcia e Sá, (2017, p. 119) “a descrição geral do perfil revela o site principal da instituição, os mais de 1.900 seguidores e as 277 postagens feitas ao longo deste tempo”. Infere-se que as informações a respeito do acervo e serviços estejam localizadas no sítio eletrônico da instituição. Atualmente, seu perfil está descontinuado (INSTAGRAM, 2020).

A respeito da BN Garcia e Sá, (2017) dizem:

[...] é considerada pela UNESCO uma das principais bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina. [...]. Possui mais de 9 milhões de itens em seu acervo, dentre obras raras, manuscritos, mapas, fotografias, desenhos, gravuras, arquivos sonoros, publicações seriadas etc. A Biblioteca Nacional fornece alguns serviços para seus usuários como Direitos Autorais, o International Standard Book Number (ISBN), Serviços a Distância,

Intercâmbio entre bibliotecas e a Biblioteca Acessível destinada a pessoas com necessidades especiais (GARCIA; SÁ, 2017, p. 122).

Supracitada neste trabalho, a BN passou por processos evolutivos desde a chegada da Família Real Portuguesa, inserida no contexto das redes sociais atualmente, possui perfis no *Facebook, Twitter e Instagram*.

Garcia e Sá (2017) mencionam que o primeiro *post* realizado no *Instagram* pela BN foi realizado em setembro de 2015, mostrando o teto do prédio principal da instituição, captado por uma lente fotográfica. Até a presente data o perfil contabiliza mais de 61.100 seguidores, 866 publicações (INSTAGRAM, 2020).

A BN posta imagens do seu acervo tendo como parâmetro algum fato que marca o dia e datas comemorativas. A instituição também faz uso de imagens de seu acervo para dar visibilidade as suas coleções, chamar a atenção do usuário para algum acontecimento histórico. “Os itens mais publicados são fotografias, gravuras, manuscritos, páginas de periódicos, partituras e desenhos. Imagens de livros do acervo da BN quase não são postadas” (GARCIA; SÁ, 2017, p. 123).

Nos Estados Unidos, Garcia e Sá, (2017) trazem a experiência da Biblioteca Pública de Nova Iorque (em inglês *New York Public Library, NYPL*), fundada em 1895, relatando:

É considerada o maior sistema de bibliotecas públicas do país com filiais em cerca de 88 bairros e quatro centros de pesquisa acadêmica especializados em Ciências Humanas e Sociais, Artes, História e Cultura Negra e Negócios e Indústrias, que acompanham a temática do acervo. Sua missão é “[...] inspirar o aprendizado ao longo da vida, o conhecimento avançado e fortalecer nossas comunidades.” (GARCIA; SÁ, 2017, p. 131).

Tem abrangência significativa por atender mais de 17 milhões de usuários anualmente, seu público são crianças, adolescentes, adultos e idosos que são contemplados com diversos serviços: comunidades de imigrantes, pessoas que procuram emprego, que não possuem acesso ao computador ou Internet e serviços penitenciários para aqueles envolvidos com a justiça. São realizadas exposições, conversas com autores e outros profissionais, apresentações de dança, música, teatro e sessões de cinema. Um número considerável de turistas também a visitam, especialmente para conhecer seu acervo e dependências (GARCIA; SÁ, 2017, p. 132).

A biblioteca dispõe de 51 milhões de itens no acervo, categorizados em coleções e disponíveis em diferentes suportes informacionais, como livros, e-books, DVDs, obras raras, artigos, cartões postais, desenhos, fotografias, mapas, materiais para deficientes visuais,

vídeos. Muitos destes itens (mais de 700 mil) estão digitalizados e disponíveis para consulta na base *The New York Public Library Digital Collections*.

“Sua presença digital é de grande relevância, sendo seu site o principal canal da instituição. Outros canais são os blogs e os sites de redes sociais, incluindo *Facebook, Twitter, Youtube e Instagram*.” (GARCIA; SÁ, 2017). Atualmente, no Instagram a biblioteca é seguida por 458.000 seguidores e possui 3.531 publicações. (INSTAGRAM, 2020).

6 USO DE REDES SOCIAIS POR BIBLIOTECAS

A discussão e implementação de rede sociais pelas bibliotecas é relativamente recente. Pesquisas e relatos sobre o tema são comentados por Gasque (2016) em levantamento realizado por Calil Junior, Correa e Spudeit (2013) sobre uso das mídias sociais nas bibliotecas brasileiras em trabalhos apresentados nos eventos “Seminário Nacional Bibliotecas Universitárias (SNBU) e Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD) entre 2005 a 2012”, respectivamente. Sobre o SNBU as quatro edições analisadas apresentaram 32 trabalhos com esse assunto, da totalidade de 912. Contudo, somente a partir da edição de 2010 que aparecem os primeiros trabalhos sobre mídias sociais em bibliotecas universitárias. Relatou-se que 14 bibliotecas possuíam perfis e contas em distintas redes sociais, em que o blog era o mais recorrente aparecendo em 22 trabalhos, em seguida o *Twitter* e por fim o *Facebook*. Todavia, quatro trabalhos apresentam relatos da criação de políticas de conteúdo sendo o restante sem estudos prévios para o planejamento dessas ferramentas de comunicação e interação com os usuários. Acerca do CBBDD nas quatro edições avaliadas num total de 836 trabalhos apresentados, 24 discutiram sobre o tema mídias sociais, as mais recorrentes *Blogs, Twitter e Orkut*, usadas principalmente para a divulgação da biblioteca.

No exterior Gasque (2016) aponta a obra “O uso da Mídia social pelas bibliotecas: práticas correntes e oportunidades futuras” publicado em 2014 pela editora Taylor & Francis Group, em que foram realizadas pesquisas em países como Estados Unidos da América, Índia e Reino Unido. A coleta de dados foi realizada por meio de dez entrevistas por telefone com líderes das bibliotecas; um “*twitter party*” (1); pesquisa on-line (com 497 respostas) e pesquisa documental. Constatou-se a participação de mais de 70% das bibliotecas com perfis em mídias sociais, 60% possuíam conta há mais de três anos, além disso, 30% dos bibliotecários postavam conteúdos diariamente, tendo até então como objetivo a promoção

dos serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas, por apresentar uma linguagem mais informal. Posteriormente, ganha projeção a solicitação de feedback dos usuários, oferecimento de serviço ao cliente em tempo real e construção de engajamento com os usuários.

Ainda sobre o contexto internacional, Gasque (2016) observou o uso do *YouTube* como propagador do trabalho realizado por bibliotecários e pesquisadores dando maior visibilidade aos profissionais e serviços das bibliotecas.

Diante do exposto é evidente a necessidade de um planejamento adequado caso a biblioteca ou bibliotecário queira implementar o uso de redes sociais em sua rotina. Sobre isso Gottschalg-Duque (2017) faz questionamentos pertinentes, “Para que usar mídias sociais? Por que usar mídias sociais? Como usar mídias sociais?”. Prossegue Gottschalg-Duque (2017), “o entendimento dessas perguntas e a sua sincera resposta auxilia no planejamento da utilização das mídias sociais em prol da biblioteca e de seus usuários”.

Após essas indagações o autor sugere três soluções possíveis a efetivação do uso de mídias sociais pelas bibliotecas:

- 1) TIC, ou seja, um canal comunicacional entre biblioteca e/ou bibliotecário e seus usuários, mais um recurso de marketing disponível.
- 2) Objeto de aprendizagem (O.A.), ou seja, recurso digital dinâmico, interativo e reutilizável em diferentes ambientes de aprendizagem, elaborados a partir de uma base tecnológica desenvolvida com fim educacional.
- 3) Objeto de estudo, para analisar e avaliar desde as possíveis aquisições de acervo até a qualidade dos serviços oferecidos pela biblioteca sob a ótica do usuário. (GOTTSCHALG-DUQUE, 2017, p. 168)

Sobre o primeiro item, o autor menciona, a título de exemplo, *Facebook* e *Twitter*, por serem “as mídias mais utilizadas atualmente”, e defende o uso comedido destas, ponderando o que escrever, “sendo utilizadas para avisar os usuários sobre conteúdos informacionais, horários e datas de funcionamento, novos serviços etc.”.

Em relação ao segundo:

Utiliza-se o *Facebook* e o *Twitter* para postar materiais usados em cursos fornecidos pela biblioteca e por seus bibliotecários, ou matérias informativas de modo mais didático – como realizar buscas no acervo, por exemplo –, como textos, *links* para textos e/ou páginas institucionais – faculdades, outras bibliotecas etc.

Nesse caso, recomenda-se postar as atividades sempre separadamente, atividade por atividade, acompanhada de um texto canônico, bem sucinto e objetivo.

Utilizam-se o *FB* e o *Twitter*, associando aos conteúdos disponibilizados e ao contexto, escreve-se uma chamada, um texto curto e direto que seja

adequado ao contexto ensino/aprendizado. Provoca-se uma discussão, incentiva-se que os usuários informem se o material foi útil, se o curso/minicurso foi adequado etc. (GOTTSCHALG-DUQUE, 2017, p. 169).

Diante do exposto, a biblioteca como mecanismo de aprendizagem pode oferecer cursos a sua comunidade, devendo postar suas ações sempre separadamente, admitindo textos sucintos e objetivos nas postagens. Após essa postagem é estimulado o debate, em que se espera o retorno dos usuários, se foram benéficos os recursos de aprendizagem e sua utilidade.

O terceiro aspecto diz respeito conforme Gottschalg-Duque (2017, p. 169) ao trabalho de pesquisa sobre as mídias sociais, sejam os perfis da biblioteca ou os de outras bibliotecas, verificar quais abordagens funcionam e as que não, cita como exemplo, quais os termos em português do Brasil são mais pesquisados no *Facebook* e *Twitter* da biblioteca, reconhecendo o linguajar popular também na verificação de termos mais pesquisados. Verificar lacunas e oportunidades sobre o que é ofertado para assim melhorar os serviços prestados. A realização de estudos de caso, dando um caráter mais científico a estes estudos, em especial as bibliotecas, a interatividade entre elas e os usuários.

7 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho é exploratória, de caráter qualitativo combinada com quantitativo. As pesquisas exploratórias são empregadas quando o tema selecionado é pouco explorado e torna-se difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis, proporcionando uma visão geral sobre o assunto. (GIL, 2008).

De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 269) a metodologia qualitativa é empregada para analisar e interpretar aspectos intrínsecos, apresentando a complexidade do comportamento humano. Fornece estudos detalhados sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc. Ao passo que métodos quantitativos necessitam de amostras amplas e de informações numéricas, enquanto nos qualitativos as amostras são reduzidas, os dados são analisados em seu teor psicossocial e os instrumentos de coleta não são necessariamente estruturados.

Seguindo esse entendimento os instrumentos utilizados nos respectivos objetivos específicos foram:

- a) Caracterizar as bibliotecas de cada F.A.: pesquisa bibliográfica e documental;
- b) Identificar as bibliotecas que integram as redes de bibliotecas das F.A.: pesquisa realizada exclusivamente na internet, por meio do acesso aos sítios das instituições das F.A.;
- c) Identificar e caracterizar o uso de redes sociais como meio de comunicação e promoção da informação pelas bibliotecas militares: aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas.

Acerca do emprego dos respectivos instrumentos de coleta de dados há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, tendo como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL 2008, p. 50).

Semelhante a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental difere daquela pelo fato não haver recebido tratamento analítico, explorando fontes documentais, Gil (2008) chama de documentos de primeira mão aqueles, por exemplo, documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. Segue Gil (2008) acerca dos documentos de segunda mão que são aqueles já analisados como, relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.

Sobre questionário Gil (2008, p. 121) reflete:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008).

Os questionários são aplicados para se ter um entendimento sobre determinada característica ou conjunto de atributos de pessoas ou organizações, neste caso são escritos, mas também podem ser feitos oralmente quando são realizados por meio de entrevista ou formulários. Entre as vantagens abordadas por Gil (2008, p. 122) sobre o uso de questionários estão:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam quando julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL, 2008, p. 122)

Apesar do autor não fazer menção aos questionários eletrônicos vale o registro de que existe, atualmente, o uso massivo deste recurso no cotidiano das pessoas. Eles possuem as mesmas características do convencional sendo importado para o digital.

Sobre as desvantagens de um questionário Gil (2008, p. 122) menciona:

- a) exclui as pessoas que não sabem ler e escrever, o que, em certas circunstâncias, conduz a graves deformações nos resultados da investigação;
- b) impede o auxílio ao informante quando este não entende corretamente as instruções ou perguntas;
- c) impede o conhecimento das circunstâncias em que foi respondido, o que pode ser importante na avaliação da qualidade das respostas;
- d) não oferece a garantia de que a maioria das pessoas o devolvam devidamente preenchido, o que pode implicar a significativa diminuição da representatividade da amostra;
- e) envolve, geralmente, número relativamente pequeno de perguntas, porque é sabido que questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos;
- f) proporciona resultados bastante críticos em relação à objetividade, pois os itens podem ter significado diferente para cada sujeito pesquisado. (GIL, 2008)

Aborda Gil (2008, p. 122) sobre as questões que devem conter um questionário as quais se destacam, as abertas em que é solicitado ao respondente que ofereça suas próprias

respostas, é predominante a liberdade na resposta. Por sua vez, sobre as fechadas são apresentadas alternativas e o respondente deve escolher uma, é o modelo mais comum de questões por conferir maior uniformidade às respostas podendo ser facilmente processadas. Ao contrário das questões abertas, nas fechadas não existe margem para liberdade de resposta.

Para a coleta de dados foi utilizado questionário hospedado na plataforma *Google Forms* com 08 perguntas fechadas, e 05 perguntas abertas, ficando disponível por 16 dias (03/12/2020 a 18/12/2020), para o recebimento de respostas. As perguntas do questionário constam no apêndice ao final do trabalho.

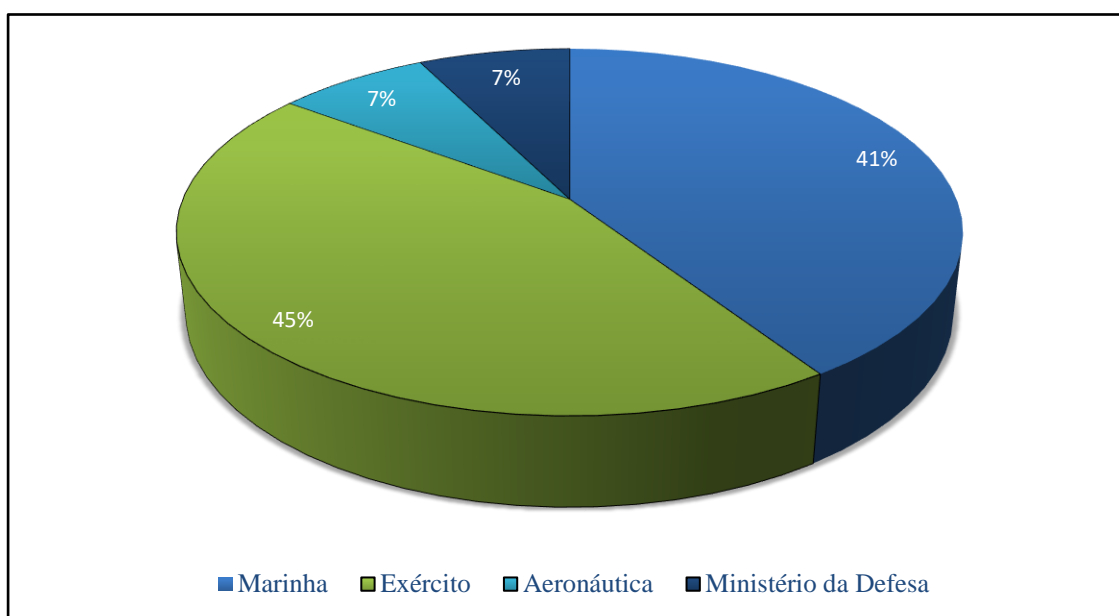
8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As questões fechadas foram tratadas de forma quantitativa e as abertas foram tratadas de forma combinada, a qualitativa e quantitativa. O questionário foi encaminhado para 112 bibliotecas utilizando o *Google Forms*. Foram obtidas 27 respostas, totalizando 24% do total pesquisado.

Na questão nº 1, fechada, doze (12) respondentes se identificaram voluntariamente, tendo em vista, a assertiva ser de caráter opcional, 15 optaram pela não identificação.

Sobre a questão fechada nº 2, no gráfico 1: 41% (11) se declararam pertencentes aos quadros da Marinha do Brasil, 45% (12) as fileiras do Exército Brasileiro, 7% (2) afirmaram vínculo a Aeronáutica e 7% (2) ao Ministério da Defesa.

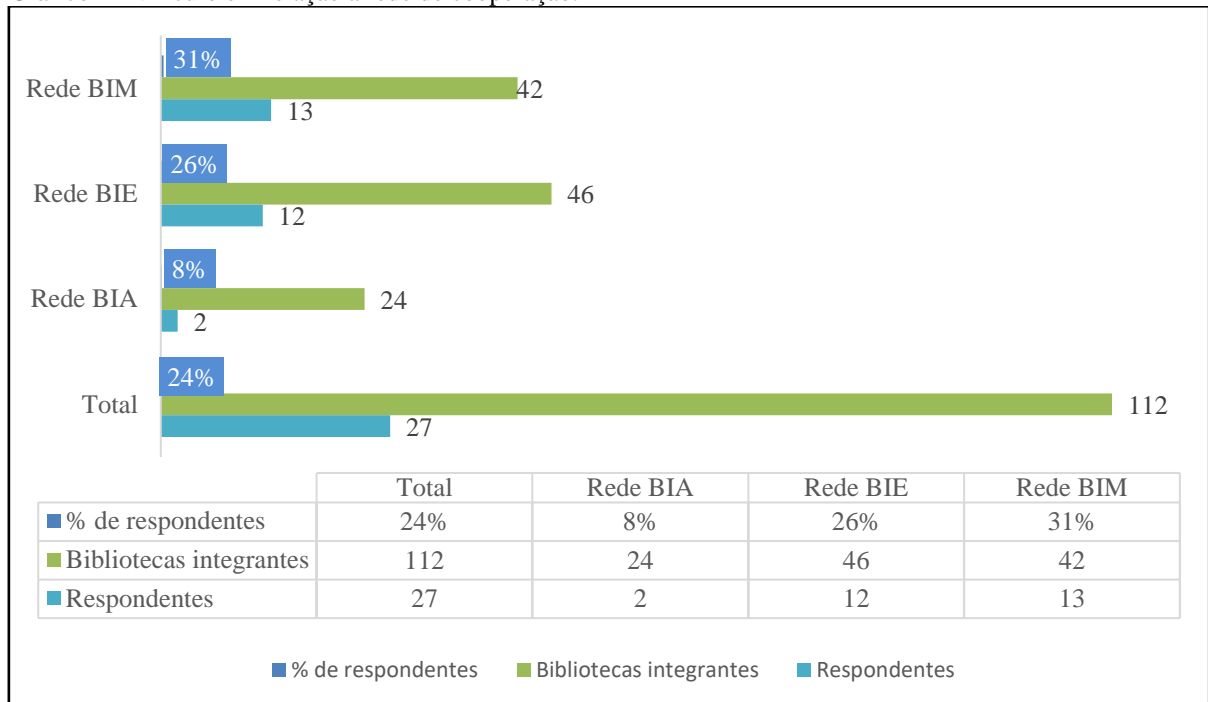
Gráfico 1 - Instituição mantenedora.



Fonte: elaboração própria, 2020.

Na questão fechada nº 3, os resultados encontram-se no gráfico 2, em que 31 % (13) bibliotecas respondentes integram a REDE BIM de um total de 42 bibliotecas participantes, 26 % (12) respondentes da REDE BIE de um total de 46 bibliotecas integrantes, 8% (2) respondentes da REDE BIA de um total de 24, em que destas, uma (1) realiza intercâmbio concomitantemente com a Rede de Ensino da Aeronáutica (Rede BIBLIENS), rede não objeto desta pesquisa, por este motivo não foi considerada. Por fim se chega ao quantitativo total de 112 bibliotecas que cooperam entre si nas F.A.

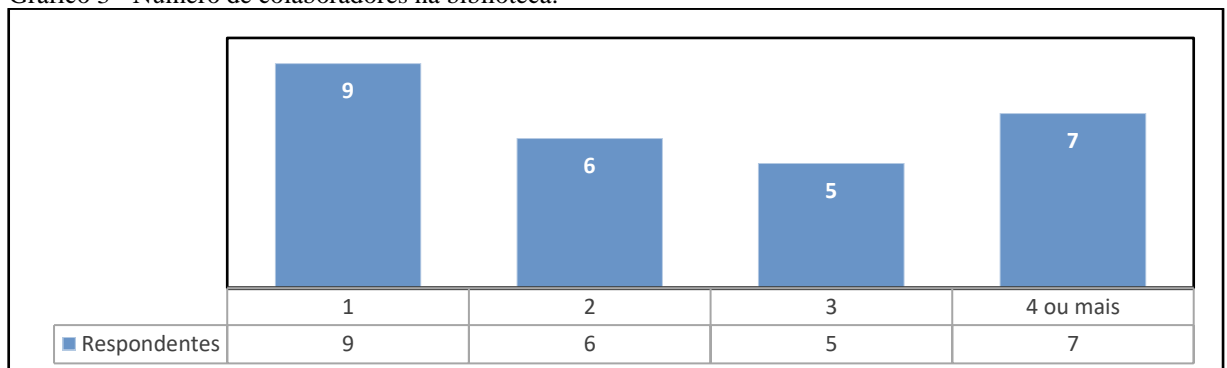
Gráfico 2 - Vínculo em relação a rede de cooperação.



Fonte: Elaboração própria, 2020.

O gráfico 3 traz as respostas em relação à questão fechada nº 4, em que 33,3% (9) dos respondentes relataram que sua biblioteca dispunha somente de um (1) colaborador, 22,2% (6) dos respondentes declararam que dois (2) colaboradores integram a biblioteca, 18,5% (5) informaram terem três (3) colaboradores e 25,9% (7) descreveram terem quatro (4) ou mais colaboradores prestando serviços na biblioteca.

Gráfico 3 - Número de colaboradores na biblioteca.

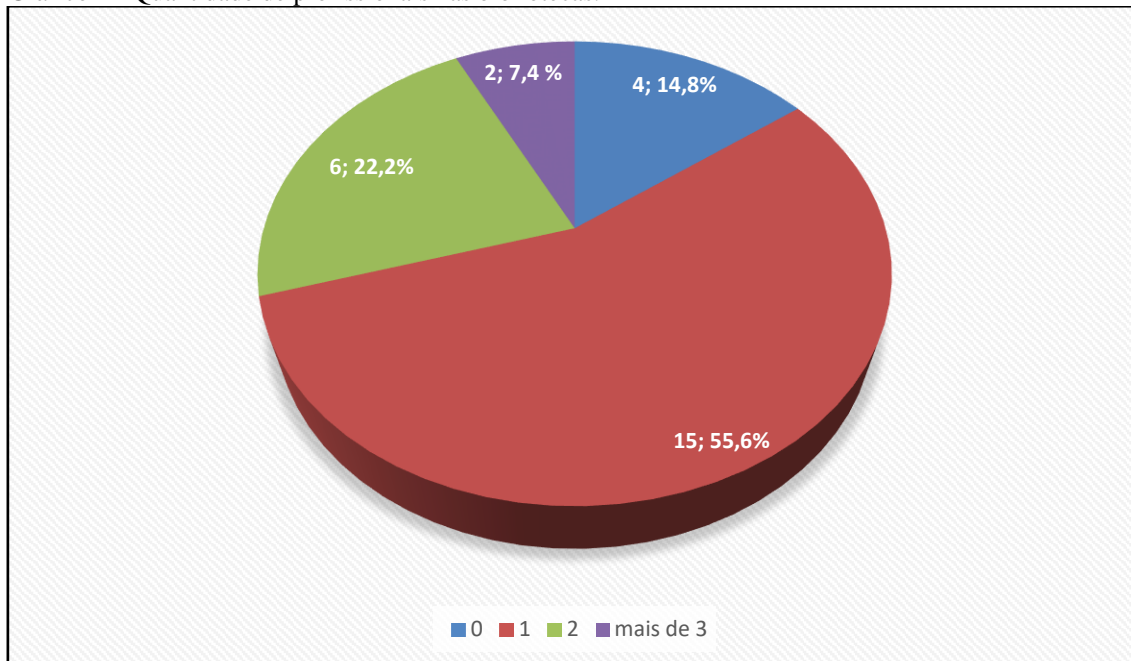


Fonte: elaboração própria, 2020.

Concernente a questão fechada nº 5, o gráfico 4 revela o seguinte cenário: 14,8% (4) dos respondentes não têm bibliotecários atuando na biblioteca, 55,6% (15) responderam terem

apenas um(a) (1) bibliotecário(a), 22,2% (6) declararam terem dois (2) bibliotecários, finalmente 7,4% (2) relataram terem mais de três (3) bibliotecários.

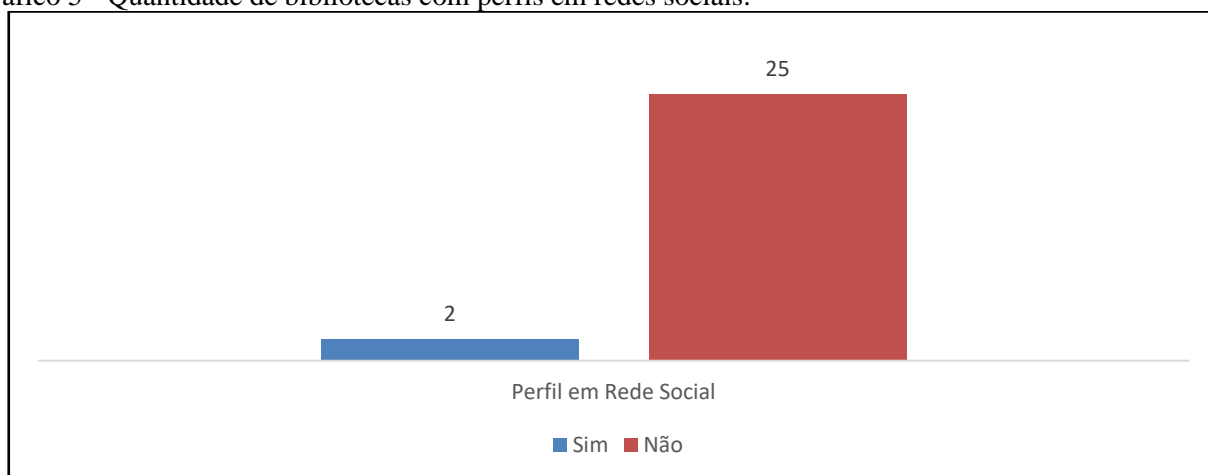
Gráfico 4 - Quantidade de profissionais nas bibliotecas.



Fonte: elaboração própria, 2020.

A respeito da questão fechada nº 6, gráfico 5, vinte e cinco (25) afirmaram que a biblioteca não tem perfil em redes sociais, dois (2) declararam que a biblioteca tem perfil em redes sociais.

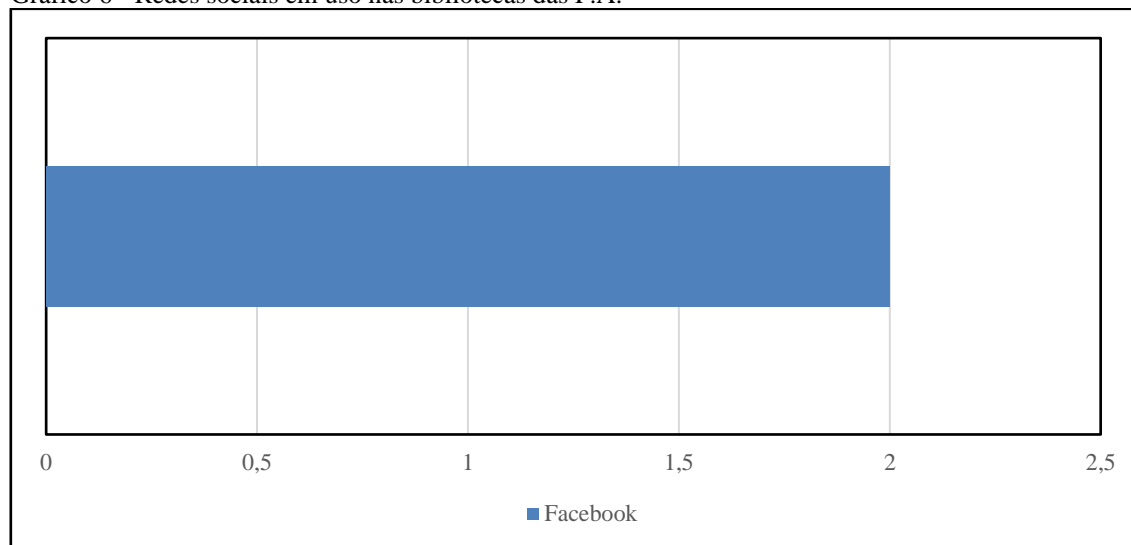
Gráfico 5 - Quantidade de bibliotecas com perfis em redes sociais.



Fonte: elaboração própria, 2020.

O *Facebook* foi declarado como a rede social empregada nas bibliotecas que responderam SIM, conforme ilustrado no gráfico 6, na questão fechada nº 7.

Gráfico 6 - Redes sociais em uso nas bibliotecas das F.A.



Fonte: elaboração própria, 2020.

A questão aberta nº 8, duas (2) bibliotecas afirmaram que a implementação do *Facebook* se deu no ano de 2019.

A respeito da questão aberta nº 9 sobre o controle de publicações, as bibliotecas que fazem uso da rede social *Facebook*, uma delas faz por ser integrante de OM com autonomia para tal, por exemplo, o Museu Militar do Exército que publica conteúdo das áreas de história, museologia e biblioteca. A quantidade e a periodicidade das publicações são as seguintes: duas (2) publicações fixas semanais para cada área do Museu, este último com maior publicidade caso seja necessário, destacando a rotina da OM. Gottschalg-Duque (2017) cita que “[...] nesse caso, recomenda-se postar as atividades sempre separadamente, atividade por atividade, acompanhada de um texto canônico, bem sucinto e objetivo.”

Outra biblioteca em virtude de processamento técnico divulga de maneira incompleta, não permitindo o acesso ao acervo por este estar em planilhas eletrônicas. Infere-se a partir disso que o conteúdo a ser divulgado na plataforma pode englobar qualquer tema ou assunto sobre esta, menos a ciência por parte de seu público a respeito do acervo. Novamente Gottschalg-Duque (2017) relata sobre as publicações terem “[...] matérias informativas de modo mais didático – como realizar buscas no acervo, por exemplo –, como textos, *links* para textos e/ou páginas institucionais – faculdades, outras bibliotecas etc.”

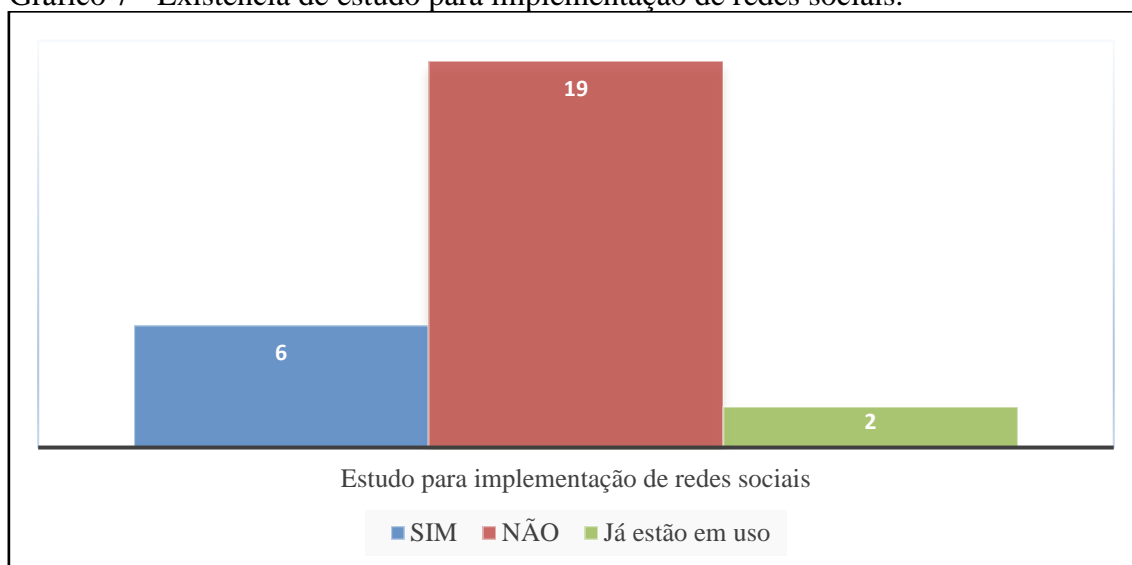
Percebe-se por meio destes exemplos o caráter e o alcance em que se busca com publicações em redes sociais no caso, o *Facebook*. Das bibliotecas com perfil nesta rede duas (2) ou 7,4% das que responderam, uma delas não extrai o potencial que a plataforma digital permite, criando assim uma lacuna entre seu público e o seu portfólio de serviços, já a outra

está subordinada a uma organização, ainda assim consegue dar visibilidade aos seus conteúdos, confirmando o que se espera da atividade com redes sociais.

A questão aberta nº 10 foi respondida da seguinte forma, a seção biblioteca atrai a atenção do público através do link: “conheça o acervo”, (aspas do respondente), em que são divulgadas informações sobre uma (1) publicação escolhida juntamente com um (1) resumo da obra.

Sobre se existe algum estudo para a implementação de rede social constante na questão fechada nº 11, e visto no gráfico 7: dezenove (19) respondentes disseram que, além de não possuírem perfis em redes sociais, também não existe estudo para tal. Outros Seis (6) responderam que sim, existem estudos em andamento para o uso de perfis em mídias sociais. Dois (2) mencionaram que já fazem uso.

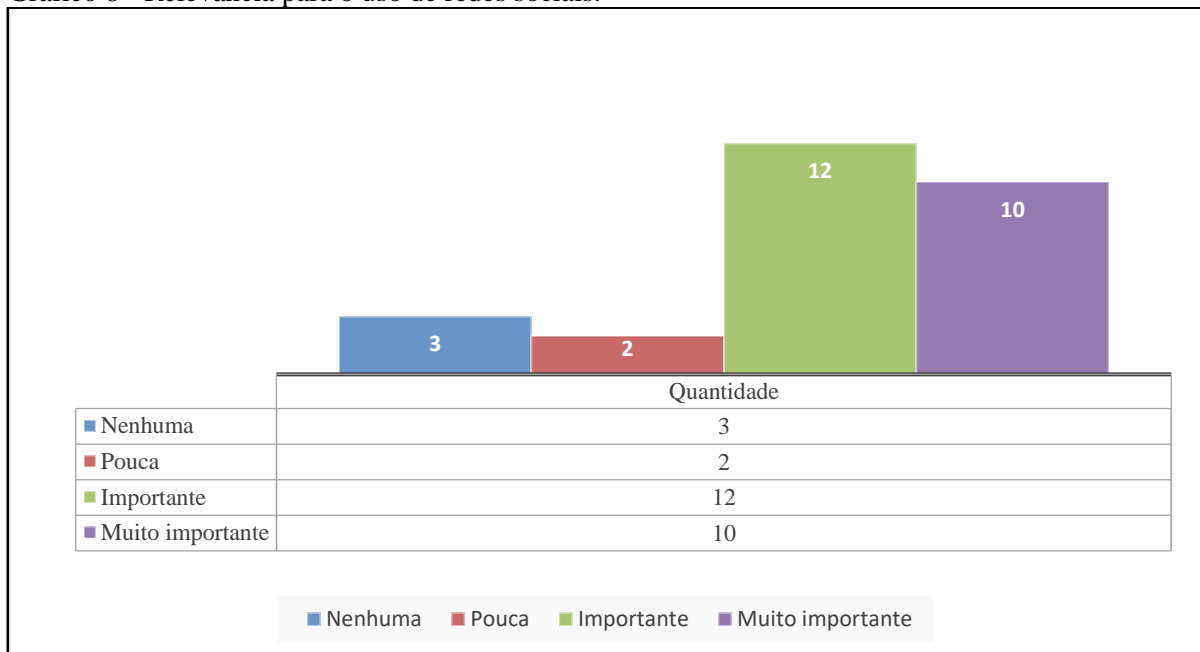
Gráfico 7 - Existência de estudo para implementação de redes sociais.



Fonte: elaboração própria, 2020.

O grau de importância que os respondentes atribuem ao uso de rede social na questão fechada nº 12 se deu da seguinte forma representado por meio do gráfico nº 8: 37% (10), disseram ser muito importante, 44,4% (12), acham importante, 7,4% (2) declararam pouca importância, 11,1% (3), consideram de nenhuma importância o uso de redes sociais por bibliotecas. Importante destacar o quantitativo de 81,4% (22), os que declararam ser importante ou muito importante o uso de redes sociais no cotidiano de suas bibliotecas, evidenciando a anseio destes profissionais em utilizá-las nas rotinas das bibliotecas.

Gráfico 8 - Relevância para o uso de redes sociais.



Fonte: elaboração própria, 2020.

A respeito da questão aberta nº 13, foram recebidas 27 respostas, sendo realizada como metodologia a análise de conteúdo, conforme cita Bardin (1977, p. 53-55):

Uma vez reunida a lista de palavras suscitadas por cada palavra indutora (ou as fichas divididas em pilhas, segundo o estímulo respectivo), encontramos em confronto com um conjunto heterogêneo de unidades semânticas. Face a esta desordem, torna-se necessário introduzir uma ordem. Mas qual a ordem a introduzir, e segundo que critérios? Para que a informação seja acessível e manejável, é preciso tratá-la, de modo a chegarmos a representações condensadas (análise descritiva de conteúdo) e explicativas (análise do conteúdo, veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo. Antes de qualquer agrupamento por classificação (ventilação das unidades significativas em categorias, rubricas ou classes), começamos por reunir e descontar as palavras idênticas, sinônimas ou próximas a nível semântico. [...] Mais longe na análise, convém classificar as unidades de significação criando categorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna.

Desta forma, após a primeira fase de tratamento das afirmações dos respondentes foram selecionadas para o primeiro nível de categorização a quantidade de 10 respostas, no segundo nível se reduziu para 04 respostas, e por fim se chegou a 02 respostas, listadas abaixo na tabela.

Tabela 4: Categorização de respostas da questão nº 13

1º nível de categorização	2º nível de Categorização	Inferências	Frequência
Disseminação do acervo	Divulgação dos serviços da biblioteca.	A utilização de recursos modernos como redes sociais, pode aproximar a biblioteca do seu usuário, conseqüentemente elevando a oferta e resultados almejados.	27
Interação com usuário			
Incentivo à leitura			
Fomento ao interesse em Defesa Nacional			
Desenvolvimento de projetos de incentivo à pesquisa			
Aumento das estatísticas da biblioteca	Números que justifiquem a manutenção da biblioteca.		
Ampliação do atendimento			
Parceria entre bibliotecas	Intercâmbio de informações	Atualização frente aos modelos já existentes de permuta entre bibliotecas. Por fim, algumas unidades de informação, ou não necessitam da utilização de mídias sociais em relação a sua realidade, ou enfrentam barreiras de ordem legal para tal iniciativa.	
Atendimento estritamente ao público interno	Fatores existentes para a não criação de perfis para bibliotecas.		
Impossibilidade de implementação por questões administrativas (Exército Brasileiro)			

Fonte: elaboração própria, 2020.

A partir das respostas depreende-se a vontade dos profissionais bibliotecários em fazer uso das redes sociais no cotidiano das bibliotecas por estes geridas, com os objetivos de disseminação do acervo, interação com o usuário, ampliando a oferta de atendimento e consequentes ganhos nas estatísticas da biblioteca, incentivo à leitura, fomento ao interesse e pesquisa sobre o tema Defesa Nacional, parcerias entre biblioteca.

Foi mencionada a dificuldade encontrada pelos respondentes em implementar as redes sociais em virtude de ordem legal, seja pela edição de portarias e decretos de âmbito interno dentro de cada F.A., que centraliza a decisão para tal iniciativa, por exemplo, no EB o CCOMSEx é o órgão central para a interação da força terrestre com a população nas mídias sociais, em relação as outras forças não foram citados quais órgãos da estrutura militar de cada F.A. cuida desse assunto.

Alguns respondentes citaram não terem necessidade de criar perfis em redes sociais para as suas atividades diárias nas bibliotecas, por atenderem estritamente ao público interno, e é razoável pois, se não percebem carência ou lacunas existentes no atendimento de demandas de seus usuários não se faz indispensável a participação em redes sociais por estas bibliotecas. Contudo a questão da modernização frente aos modelos já existentes em parcerias entre bibliotecas é outro assunto de interesse dos profissionais bibliotecários, não foi perguntado como se dará essa modernização com a utilização de redes sociais entre as bibliotecas.

9 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Com o advento da internet e com maior intensidade após a criação da Web 2.0 muitos segmentos da sociedade passaram a interagir com o seu público, seja no serviço público, iniciativa privada ou terceiro setor, como é o caso relatado na pesquisa bibliográfica das Bibliotecas Mário de Andrade, a Biblioteca Nacional e internacionalmente a Biblioteca Pública de Nova Iorque, todas voltadas para o atendimento do público externo.

Este trabalho buscou trazer respostas para a questão do envolvimento das bibliotecas das F.A. com o uso de redes sociais, tendo em vista que essas tecnologias se encontram inseridas no cotidiano da sociedade contemporânea. Buscou evidenciar a trajetória destas bibliotecas desde os seus primórdios no Brasil Colonial até os dias de hoje, levando em consideração sua situação por estarem inseridas em instituições centenárias que são as F.A. brasileiras.

Esse caminho é percorrido com a participação ativa dos profissionais bibliotecários que são aqueles que de fato materializam a natureza especializada destas bibliotecas. Conforme evidenciado no capítulo anterior, o uso das redes sociais não pode ser considerado como uma característica marcante. Entretanto, é importante destacar que o fato de utilizarem ou não as mídias sociais no seu cotidiano, não significam sucateamento ou obsolescência, ou se é boa ou se é ruim, não existindo grau de importância na estrutura das redes de bibliotecas das forças armadas.

Gottschalg-Duque (2017) levanta alguns questionamentos nessa área, tais como: “Para que usar mídias sociais? Por que usar mídias sociais? Como usar mídias sociais?”. Essas perguntas são fundamentais, e podem lançar luz para a reflexão das evidências observadas nesta pesquisa.

Por exemplo, caso as unidades de informação especializadas em assuntos militares decidam considerar a possibilidade de uso das redes em seu cotidiano, no âmbito do Exército Brasileiro a tomada de decisão concentra-se no CCOMSEx (Centro de Comunicação Social do Exército). Cabe ao CCOMSEx autorizar uma O.M. a criar e manter perfil em rede social, no caso da FAB, optou-se em investir esforços em suas redes de cooperação interna como Rede BIBLIENS e a REUNI para atender estritamente seu pessoal.

Por outro lado, se pode inferir que as bibliotecas das F.A. brasileiras, trabalham para atender as demandas restritas ao círculo castrense (militar), fato que corrobora com um dos pilares que norteia e identifica uma biblioteca especializada conforme descrita por Figueiredo (1978, p. 158) como “acervo e serviços não abertos ao público em geral”.

Por fim é importante levar essa questão a um diálogo amplo para que propostas possam surgir e que o Alto-Comando das respectivas F.A. avalie a autonomia para as unidades de informação poderem ou não criar perfis em redes sociais baseados em sua realidade e em seu público, qual seja, os militares. Cabe ainda refletir se será função de uma biblioteca especializada liderar esforços no que concerne a atuação de interagir com o público, utilizando redes sociais em um ambiente com informações restritas ou sensíveis ao público em geral?

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AS BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS

USO DE REDES SOCIAIS EM BIBLIOTECAS DAS FORÇAS ARMADAS

1. Identificação (Opcional)
2. A biblioteca integra a estrutura de qual Força Armada?
 - Marinha
 - Exército
 - Aeronáutica
 - Ministério da Defesa
3. A Biblioteca é participante de qual Rede de cooperação?
 - Rede BIM
 - Rede BIE
 - Rede BIA
 - Outros _____
4. A Biblioteca dispõe de quantos colaboradores?
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4 ou mais
5. Quantos?
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3 ou mais
6. A Biblioteca dispõe de perfil(is) em redes sociais? Caso tenha respondido NÃO, vá direto para a pergunta nº 11
 - Sim
 - Não

7. Quais?

- Facebook
- Instagram
- Twitter
- Outros _____

8. Quando essas mídias foram inseridas nos serviços da Biblioteca?

9. Como é feito o controle de publicações?

10. Quais informações são divulgadas através das mídias?

11. Existe algum estudo em andamento para a implementação do uso de redes sociais pela Biblioteca?

- Sim
- Não
- Já estão em uso

12. Qual a importância do uso de redes sociais como ferramenta no cotidiano da Biblioteca?

- Nenhuma
- Pouca
- Importante
- Muito importante

13. Por que?

REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência: do presencial ao virtual**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

AJUS, Patrícia Imbroizi. **Gestão da informação na Marinha do Brasil: gestão de bibliotecas em rede na Marinha do Brasil: proposta de um novo modelo organizacional**. Orientador: Artur Luiz Santana Moreira. 2011. 26 f. Monografia – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2011.

ALMEIDA, J. M. F. **Breve histórico da INTERNET**. Universidade do Minho, 2005. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3396>. Acesso em: 21 out. 2020.

ARAGON, Claudia. **Gestão de redes de cooperação entre bibliotecas: uma análise dos casos**. REDARTE/RJ e CBIES/RJ. 139 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

BALDIN, L. H.; HORST, E. J.; ITO, G. C. Um estudo de caso sobre a utilização das redes sociais nas organizações. **Revista de Ciências Empresariais**. UNIPAR, Umuarama, v. 12, n. 2, p. 227-242, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/download/4099/2551>. Acesso em: 06 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, c1977

BERKOWICZ, Clarice B. Araújo. Da Biblioteca do Exército à Biblioteca Militar: o lugar ocupado pela instituição no Estado Novo. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1 - 11. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300931987_ARQUIVO_anpuh.pdf. Acesso em: 16 mar. 2020.

BLATTMANN, U.; SILVA, F. C. C. Colaboração de interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 191-215, 2007. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/579494/publicacao/16434817>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. **Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 212-3/2017**. Orienta sobre a Rede de Unidades de Informação do DECEA (REUNI). Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/acervo/detalhe/2895?guid=1613619037339&returnUrl=%2fterminalcendoc%2fresultado%2flistarlegislacao%3fguid%3d1613619037339%2>

6quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d2895%232895&i=1. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. **Centro de documentação da Aeronáutica**. Sistema de documentação do Comando da Aeronáutica. Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/cendoc/index.php/sisdoc-1>. Acesso em: 18 set 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria nº 828/GC3, de 6 de julho de 2016**. Institui a Rede de Bibliotecas Integradas do Comando da Aeronáutica (Rede BIA) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.redebia.fab.mil.br/index.php/legislacoes>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria nº 1.043, de 11 de dezembro de 2012**. Cria a Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE) e dá outras providências. Boletim do Exército, Brasília, DF, n. 21, dez. 2012. p. 9-10. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/7476>. Acesso em: 18 mar. 2020.

CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 185-203, jan./jul. 2017. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/rici.v10.n1.2017.2511>. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2511/2239>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CARVALHO, Fabiana *et al.* Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE): relato de experiência. *In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, 25.: 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. p. 1392-1402. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1356/1357>. Acesso em: 22 ago. 2020.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p. 17-26. Disponível em: https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

CUNHA, Murilo bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 2-17, jan./abr. 2008. Disponível em: [http:// https://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a02.pdf](http://https://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a02.pdf). Acesso em: 05 ago. 2020.

FERREIRA, Eliane Freitas. O acervo histórico da Academia Real de Guardas-marinhas da Biblioteca da Marinha. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 18.: 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária / Sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais: 2014. p. 3058-3068. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/anais/>. Acesso: 21 mar. 2020.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 3/4, p. 155-168, dez. 1978. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/370/345>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FINAMOR, Márcio da Silva. Bibliotecários das forças armadas: perfis e concepções. **Informações e Profissões**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 116-137, dez. 2018. Semestral. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/34723>. Acesso em: 18 nov. 2020.

GARCIA, I. O. D. S.; Sá, M. I. F. E. Bibliotecas no *Instagram*: um estudo sobre o uso do aplicativo por unidades de informação. **Prisma.com (Portugal)**, n. 35, p. 108-151, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69658>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GASQUE, K. C. G. D. Internet, mídias Sociais e as unidades de informação: Foco No Ensino-Aprendizagem. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, vol. 10, n. 2, Nov. de 2016. Disponível: <https://doi:10.36311/1981-1640.2016.v10n2.03.p14>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio. Bibliotecas e mídias sociais. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2016. p. 157-176. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/170105_biblioteca_do_seculo_21.pdf. Acesso em: 13 nov. 2020.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. 2.ed., rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005.

INSTAGRAM. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://www.instagram.com/bibliotecanacional.br/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

INSTAGRAM. **New York Public Library**. Disponível em: <https://www.instagram.com/nypl/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

INSTAGRAM. **Universidad Complutense Madrid**. Disponível em: <https://www.instagram.com/uni.complutense/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCIAL, Elaine Coutinho *et. al.* Diagnóstico das bibliotecas especializadas da administração pública federal brasileira. **Texto para discussão**. Brasília: IPEA, n. 2574, p. 51-55, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2574.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13080>. Acesso em: 20 out. 2020.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

O'REILLY, T. What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software. **Communications & Strategies**, n. 1, p. 17-37, 2007. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/Papers.cfm?abstract_id=1008839. Acesso em: 20 out. 2020.

PINTO, Ilda Maria Soares; CORREIA, Zita P. Bibliotecas militares Portuguesas: um recurso negligenciado. **Revista Militar**, Lisboa, p. 1-11, abr. 2007. Mensal. Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/198>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PEREGRINO, Umberto. **História da Biblioteca do Exército**: um capítulo da história cultural do Brasil. [s. l.]: [s.n.], 1995?. 241 p.

PRATES, Tatiane Alves. A escola Naval. **Revista de Villegagnon**. Rio de Janeiro, p. 66-69, anual. 2010. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br/en/files/upload/REVISTA_VILLEGAGNON_2010.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

REBIMD. **Objetivos**. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/ensino-e-pesquisa/bibliotecas-em-rede/bibliotecas-em-rede>. Acesso: 07 nov 2020.

REDE BIA. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.redebia.fab.mil.br/index.php/apresentacao>. Acesso em: 25 ago. 2020.

REDE BIE. **Bibliotecas integrantes**. Disponível em: <http://www.redebie.decex.eb.mil.br/2013-10-27-00-11-7>. Acesso em: 22 ago. 2020.

REDE BIE. **Histórico**. Disponível em: <http://www.redebie.decex.eb.mil.br/teste-agenda>. Acesso em: 22 ago. 2020.

REDE BIM. **A rede**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/bibliotecadamarinha/?q=content/rede>. Acesso 20 ago. 2020.

REDE BIM. **Histórico**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/biblioteca/rede-bim/historico>. Acesso 20 ago. 2020.

ROCHA, Thelma Valéria; JANSEN, Caroline Louise Stedefeldt; LOFTI, Eduardo; FRAGA, Rodrigo Ribeiro. Estudo Exploratório sobre o uso das Redes Sociais na Construção do Relacionamento com Clientes. **Revista Brasileira de gestão de negócios**, [S.L.], v. 15, n. 47, p. 1-21, 30 jun. 2013. FECAP Fundação Escola de Comercio Alvares. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7819/rbgn.v15i47.953>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SALCEDO, Diego; ALVES, Riane. Mídia social nas bibliotecas universitárias: o caso do *Twitter* nas universidades católica e federal rural de Pernambuco. **Páginas A&b Arquivos & Bibliotecas**, [S.L.], n. 9, p. 12-27, 2018. Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21747/21836671/pag9a2>. Acesso em: 15 nov 2020.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série. São Paulo, v. 6, n.1, p. 50-61, jan/jun. 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132/168>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SARAIVA, Ana Carolina Ferreira. **O uso do Facebook**: divulgação de produtos e serviços das bibliotecas públicas do Distrito Federal. 2018. 55 f. Monografia em Biblioteconomia – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/20892>. Acesso em: 13 nov. 2020.

SILVA, Beatriz Coelho. **Escola Militar do Realengo**. 2009. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ESCOLA%20MILITAR%20DO%20REALENGO.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. As bibliotecas dos Jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 219-237, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/189/483>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SIQUEIRA, Regina Boanerges. **Sistemas de informação na área de defesa**: instrumentos para capacitação de pessoal e para divulgação da mentalidade de defesa à sociedade brasileira. Orientador: Maria Verônica R. da Fonseca. 2019. 56 f. Monografia – Escola Superior de Guerra – Rio de Janeiro. 2019.

TOMAÉL, Maria Inês. Redes de informação: o ponto de contato dos serviços e unidades de informação no Brasil. **Informação & Informação**, Londrina, v. 10, n. 1/2, p. 5-30, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1611/1366>. Acesso em: 05 ago. 2020

TWITTER. Twitter turns six. 2012. Disponível em: https://blog.twitter.com/official/en_us/a/2012/twitter-turns-six.html. Acesso em: 06 nov. 2020.

TWITTER. Tweeting Made Easier. 2017. Disponível em: https://blog.twitter.com/official/en_us/topics/product/2017/tweetingmadeeasier.html. Acesso em: 06 nov. 2020.

VARIETY. Twitter Posts Strong Q2 Earnings, but Monthly Users Drop by 1 Million Amid Cleanup Effort. 2018. Disponível em: <https://variety.com/2018/digital/news/twitter-q2-2018-earnings-monthly-users-drop-1202887959/>. Acesso em: 06 nov. 2020.